



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA,
INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

**DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO – POR QUE ELA É
FUNDAMENTAL PARA O FUNCIONAMENTO DO CAPITALISMO DEPENDENTE?
UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE (RE)PRODUÇÃO DA VIDA DE MULHERES
NEGRAS BRASILEIRAS**

MAYARA APARECIDA GOMES

Foz do Iguaçu
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA,
INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

**DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO – POR QUE ELA É
FUNDAMENTAL PARA O FUNCIONAMENTO DO CAPITALISMO DEPENDENTE?
UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE (RE)PRODUÇÃO DA VIDA DE MULHERES
NEGRAS BRASILEIRAS**

MAYARA APARECIDA GOMES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a Dr^a Élen Cristiane Schneider

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Marina Machado de Magalhães Gouvêa

Foz do Iguaçu
2018

MAYARA APARECIDA GOMES

**DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO – POR QUE ELA É
FUNDAMENTAL PARA O FUNCIONAMENTO DO CAPITALISMO DEPENDENTE?
UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE (RE)PRODUÇÃO DA VIDA DE MULHERES
NEGRAS BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Élen Cristiane Schneider
UNILA

Co-orientadora: Prof^{fa} Dr^a Marina Machado de Magalhães Gouvêa
UNILA/UFRJ

Prof^{fa} Dr^a Andréia da Silva Moassab
UNILA

Prof^{fa} Dr^a Tereza Maria Spyer Dulci
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho a todo povo preto, pobre e favelado. De nada adianta a produção teórica se não for capaz de entender nosso sofrimento e buscar superá-lo. Que cada vez mais possamos falar por nós mesmos. Somos capazes de tudo, inclusive de transformar o mundo.

AGRADECIMENTOS

O meu principal agradecimento sem dúvidas vai para a minha família que nunca questionou minhas escolhas e sempre me influenciou a correr atrás do que eu acredito. À minha avó Marinalva pelo coração enorme, sabedoria, destreza e cuidado em tudo o que faz, nossa matriarca e inspiração. Às minhas mães Sandra e Marlene por serem os maiores exemplos de mulheres incríveis que tive na vida, e prova de que mesmo com as dificuldades é possível oferecer o que há de melhor, vocês me criaram como o melhor ser-humano que eu poderia ser. Aos meus irmãos Enzo, Eduardo, Bárbara, Brayan e Ian, espero que eu possa ter sempre um espaço no coração de vocês. Ao meu pai Marconi por nunca desistir de tentar dar o melhor pros seus filhos e família e por buscar ser uma pessoa melhor a cada dia. Ao meu tio João por sempre ser sincero comigo e me mostrar como o mundo real é. À todos os membros da minha família por parte de pai e de mãe que indireta ou diretamente colaboraram na minha criação e conseqüentemente no resultado da pessoa que sou hoje, desculpe não poder citar todos.

Às amigas e amigos da minha mãe que me proporcionaram a melhor infância e adolescência que eu poderia ter, em especial à Jaqueline, Patrícia e Guacira.

Às minhas amigas de infância Amanda, Marcela, Natália e Carol que me acompanham desde a 1ª série, são quase 20 anos de amizade e a cada ano a gente consegue conhecer e admirar mais e mais uma da outra, mesmo que não haja tanto contato com todas vocês com toda certeza fazem parte da minha vida. Minha segunda família.

Às companheiras e companheiros de ouro que eu conheci no cursinho, acredito que aquele ano em que nos encontramos foi um marco na vida de todas nós, a presença de vocês foi fundamental para que eu saísse de casa com a certeza de que eu estava pronta pra tudo. Um agradecimento especial à Karina, Jaque, Cris, Dê, Naty e Vanessa, obrigada por me ensinarem tanto.

Às minhas amigas que fiz no Ensino Médio no ITB, Fernanda, Letícia, Thamires e Débora, foi muito difícil ir pra um lugar completamente diferente e encontrar vocês foi a melhor coisa que me aconteceu, eu fui muito feliz nesses três

anos, mesmo com as brigas, acredito que hoje somos muito daquilo que cultivamos nesse tempo. Todas vocês foram e são muito importantes pra mim, mas, quero agradecer com ênfase a Fernanda por ter plantado a sementinha revolucionária no meu coração, você foi o pontapé pra que eu me tornasse o que sou hoje, te admiro demais.

À todos os meus professores e professoras que tive no decorrer da minha vida, no Colégio Rui Barbosa, no Instituto Técnico de Barueri (ITB) e no Cursinho Henfil, espero poder retribuir para o mundo um pouquinho do tanto que vocês me inspiraram.

À professora Marina por me ensinar tanto tanto tanto tanto, mas muito mesmo, se cada um pudesse um dia ter uma pequena conversa com essa pessoa tenho certeza que o mundo seria melhor.

Ao Lucas, meu grande companheiro de muitos momentos desde que cheguei em Foz, obrigada por tentar travar comigo uma busca por um amor libertário, sem dor e sem amarras, apesar dos trancos e barrancos hoje temos certeza que aprendemos muito um com o outro, você deixou essa etapa do meu caminho mais florida.

Aos companheiros pé na porta que a Unila e Foz do Iguaçu me proporcionaram, eu jamais teria a percepção de mundo que tenho hoje se estivesse numa Universidade comum, a gente é diferente e isso é bom demais, aqui incluo também os companheiros do GETD (Grupo de Estudos da Teoria Marxista da Dependência), o resultado desse trabalho com toda certeza tem o dedo de vocês. Então, Maria, Angie, Lorena, Sabri, Angelica, Renan, Matheus, Fernando, Henrique, Dani, Luanna, Karina, Lisete, Paula, obrigada por dividirem tanto comigo.

Quero agradecer especialmente ao Ferenc pelo companheirismo nesses anos de Unila, gostaria que existisse um de você em cada canto do Brasil e do mundo, seu cuidado e compromisso com as pessoas é algo difícil de encontrar, obrigada por existir.

Às mulheres incríveis que conheci na Ocupação Bubas, Rose, Clarice, Simone, Vó, Luana, Dona Antonia, Sandra.. Sem dúvida um dos lugares que mais me senti acolhida em Foz do Iguaçu, vocês são inspiradoras. As mulheres realmente vão mudar o mundo.

Às mulheres que compartilharam um pouco de suas vidas dividindo casa comigo, Rubia, Isa, Lucy e Mônica. Não consigo mensurar o quanto aprendi e aprendo com vocês. Quero agradecer especialmente à Isa por ter sido minha companheira por esses 5 anos, nos estudos, nos perrengues, nas contas, nas festas e nas responsabilidades, não tenho palavras pra dizer o quanto sou grata por ter tido você aqui nesses anos, obrigada do fundo do meu coração.

Agradeço às mulheres pretas que acompanho o trabalho e que têm total influência no meu sangue nos olhos pela transformação do mundo em que vivemos, especialmente à Sueli Feliziani por ter me ajudado na bibliografia deste trabalho e por me inspirar por ser o mulherão que é, você é incrível. Gostaria de colocar o nome de todas as mulheres inspiradoras e compromissadas com a luta anticapitalista, antiracista e antipatriarcal, mas vou citar Gabriela Moura, Suzane Jardim, Gabrielle Nascimento e Andreza Delgado pois são as que acompanho mais de perto. Leiam essas mulheres!

Um agradecimento muito muito muito especial à minha orientadora Élen, me falta expressão para agradecer pelo seu cuidado, sua sensibilidade, seu respeito e preocupação. Eu admiro muito você, quem tem a oportunidade de te conhecer tem muita sorte, parabéns por ser essa mulher porreta, a Vero terá muito orgulho de ter você como mãe e referência, você significa tudo que traz força e resistência.

Por último e não menos importante, agradeço à todas as pessoas que derramaram em mim as melhores formas de amizade, carinho e companheirismo. Vocês me fortalecem.

"Enquanto o couro do chicote cortava a carne
 A dor metabolizada fortificava o caráter
 A colônia produziu muito mais que cativos
 Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos
 Não fomos vencidas pela anulação social
 Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial
 O sistema pode até me transformar em empregada
 Mas não pode me fazer raciocinar como criada
 Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo
 As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo
 Lutam pra reverter o processo de aniquilação
 Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão
 Não existe lei maria da penha que nos proteja
 Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza
 De ler nos banheiros das faculdades hitleristas
 Fora macacos cotistas
 Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão
 Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação
 Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador
 Falharam na missão de me dar complexo de inferior
 Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu
 Meu lugar não é nos calvários do Brasil
 Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro
 É porque a lei áurea não passa de um texto morto
 Não precisa se esconder, segurança
 Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição, a minha trança
 Sei que no seu curso de protetor de dono praia
 Ensinaam que as negras saem do mercado com produtos embaixo da saia
 Não quero um pote de manteiga ou de xampu
 Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru
 Fazer o meu povo entender que é inadmissível
 Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino
 Cansei de ver a minha gente nas estatísticas
 Das mães solteiras, detentas, diaristas
 O aço das novas correntes não aprisiona minha mente
 Não me compra e não me faz mostrar os dentes
 Mulher negra não se acostume com termo depreciativo
 Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino
 Nossos traços faciais são como letras de um documento
 Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos
 Fique de pé pelos que no mar foram jogados
 Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados
 Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria
 É atrair gringo turista interpretando mulata
 Podem pagar menos pelos mesmos serviços
 Atacar nossas religiões, acusar de feitiços
 Menosprezar a nossa contribuição para a cultura brasileira
 Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra
 Mulheres negras são como mantas kevlar
 Preparadas pela vida para suportar
 O racismo, os tiros, o eurocentrismo
 Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos."

Yzalú – Mulheres Negras – Composição de Eduardo Facção Central.

GOMES, Mayara Aparecida. **Divisão Interseccional do Trabalho – Por que ela é fundamental para o funcionamento do capitalismo dependente?** Uma análise das condições de (re)produção da vida de mulheres negras brasileiras. 2018. 110 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMO

O objetivo desta análise é entender como as esferas de trabalho, seja no âmbito externo (mercado de trabalho) ou interno (relações domésticas) estão condicionados a uma divisão que denominaremos de divisão interseccional do trabalho. O caráter o qual essa divisão se expressa nas relações cotidianas está ligado diretamente à historicidade de nosso povo e território, e isso é fundamental para entender as contradições vigentes no modo de produção o qual vivemos, o capitalismo (de tipo dependente). Desta forma, não há outro ponto de partida possível que não seja analisar o ser social que mais é afetado pela estrutura racista, patriarcal e classista que traz nossa sociedade: a mulher negra e pobre.

Palavras-chave: divisão interseccional trabalho. interseccionalidade. capitalismo dependente. racismo. superexploração.

GOMES, Mayara Aparecida. **División Interseccional del Trabajo – Por qué es fundamental para la operación del capitalismo dependiente?** Un análisis sobre las condiciones de (re)producción de la vida de mujeres negras brasileñas. 2018. 110 páginas. Trabajo de Conclusión de Curso (Carrera Ciencias Económicas: Economía, integración y desarrollo) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMEN

El objetivo de este análisis es entender la manera como las esferas de trabajo, ya sea en el ámbito externo (mercado de trabajo) o interno (relaciones domésticas), se encuentran condicionadas por una división que denominaremos como 'división interseccional del trabajo'. El carácter a través de que dicha división del trabajo se expresa en las relaciones cotidianas se conecta directamente a la historicidad de nuestro pueblo y de nuestro territorio, lo que es fundamental para que podamos comprender las contradicciones vigentes en el modo de producción bajo el cual vivimos, el capitalismo (de tipo dependiente). Asimismo, no existe otro punto de partida sino el análisis del ser social más afectado por la estructura racista, patriarcal y clasista de nuestra sociedad: la mujer negra y pobre.

Palabras-clave: División interseccional del trabajo. Interseccionalidad. Capitalismo dependiente. Racismo. Superexploración.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Jornada de Trabalho

26

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CEPAL	Comissão Econômica para América-Latina e Caribe
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres do Ministério da Justiça e Cidadania.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O TRABALHO NO CAPITALISMO DEPENDENTE	15
2.1 POR QUE O TRABALHO?	16
2.2 O CAPITALISMO DEPENDENTE	22
2.3 A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO	29
2.4 COMO A SUPEREXPLORAÇÃO DIALOGA COM A DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO	33
3 A DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO	36
3.1 A DIVISÃO DO TRABALHO	36
3.2 POR QUE A INTERSECCIONALIDADE?	42
3.3 A OCUPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA HISTÓRIA: A HERANÇA ESCRAVOCRATA	50
3.4 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL	55
4 AS CONDIÇÕES DE REPRODUÇÃO DA VIDA DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS	63
4.1 METODOLOGIA ABORDADA	64
4.2 “NÓS ALÉM DA COR NEGRA E SER POBRE, NÃO É DEFEITO” – A TRAJETÓRIA DE SER MULHER, NEGRA, POBRE E PERIFÉRICA NO CAPITALISMO DEPENDENTE	65
4.2.1 Rita de Cássia	65
4.2.1.1 “E aí desde essa idade que eu comecei a trabalhar não parei mais.”	66
4.2.1.2 “E assim foi no decorrer da minha vida, tinha que chegar em casa, cuidar da casa, filhos, escola...”	69
4.2.1.3 “Teve dias de eu ter que ficar praticamente dois dias em prol do serviço até eu poder ir pra casa”	73
4.2.1.4 “Agora eu tô curtindo eu Rita”	76
4.2.1.5 Trajetórias que se cruzam – especificidades que unificam nossa luta	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	86
APÊNDICE A – ENTREVISTA COMPLETA DE RITA DE CÁSSIA	86

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar a relação entre o capitalismo dependente latino-americano e a divisão interseccional do trabalho, trazendo os elementos históricos que pautam até hoje a estrutura de relações sociais que tem como característica correlações de forças baseadas na intersecção entre gênero, raça e classe, predominantemente.

Saber olhar a realidade e interpretá-la não é um exercício fácil, principalmente quando as contradições existentes tornam-se os pilares da estrutura a qual estamos inseridos. Partindo deste princípio, este trabalho tem o compromisso de destacar a importância e necessidade do método materialista dialético para uma análise o mais fiel possível da realidade concreta, com o objetivo de entendê-la para transformá-la. Muito além de uma regra ou lei de interpretação, o método se trata de uma perspectiva de análise que a partir de um movimento dialético propõe-se analisar como se dão as relações que constroem o modelo de sociedade que vivemos, não somente pelas suas formas e aparências, mas também pela sua essência, particularidade e singularidade, com o objetivo de que nos apropriemos de nossa história e sejamos capazes de superar suas contradições.

Há um grande questionamento sobre se a teoria marxiana estaria obsoleta ou ultrapassada para responder às necessidades tão peculiares que nosso território e história traz, mas é justamente para isso que o método existe, para que sejamos capazes de compreender e corresponder à nossa própria historicidade, que como povo latino-americano, colonizado, escravizado, construído sob uma segregação racial, social e de gênero, e com muitas outras características que esses princípios desdobram, não há outra possibilidade de defender uma mínima transformação estrutural sem tocar esses pontos.

É com este entendimento que surge a necessidade de abordar este tema como Trabalho de Conclusão de Curso. Vivemos numa sociedade regida pelo modo de produção capitalista, onde o trabalho assume um papel fundamental para a reprodução da vida das pessoas, e para que fosse possível a existência de tanta riqueza e desenvolvimento tecnológico que se tem hoje no mundo houve um grande

dispêndio de trabalho, trabalho este apropriado e explorado, e exercido por uma parcela delimitada da população: homens e mulheres indígenas e negros, que até hoje vivenciam as marcas de serem taxados por povos inferiores e não-civilizados, e continuam trabalhando para a produção de riqueza, porém nunca se apropriando dela.

Ao partir de uma análise nessa perspectiva é impossível não nos depararmos com o papel emblemático e fundamental que a mulher negra é imposta a assumir, em todos os momentos da história a base do modo de produção a coloca como cerne de sua estrutura e ao mesmo tempo há um discurso discriminatório e violento que pauta a existência delas, o resultado disso é uma organização social machista e racista que necessita explorar ao máximo esses corpos e ao mesmo tempo negá-los como dignos de existir.

Para entender a essência dessa estrutura, no primeiro capítulo abarcaremos uma análise sobre o trabalho humano e sua importância para a existência do ser e como ele se expressa na realidade latino-americana. Explicaremos o porquê é importante entender as especificidades de nosso território à partir de sua historicidade e como este aspecto produz características próprias culminando num capitalismo dependente latino-americano.

No segundo capítulo analisaremos como a história da América Latina como colônia e sociedade organizada pela escravização, atrelada à história do capitalismo mundial, determinou uma divisão interseccional do trabalho sustentada e muito bem fomentada até hoje, e como é importante ter este ponto de partida para entender as contradições gritantes que sustentam nossas relações contemporâneas.

Já no terceiro capítulo trabalharemos com algumas trajetórias e perspectivas de mulheres negras, com uma análise centrada numa entrevista específica que tem o objetivo de trazer uma percepção ampliada do que significa a divisão interseccional do trabalho em diversos aspectos das relações cotidianas dessas mulheres.

Logo após trabalharemos as conclusões e perspectivas que a proposta de análise deste trabalho nos permitiu inferir.

2 O TRABALHO NO CAPITALISMO DEPENDENTE

O objetivo deste capítulo é demonstrar como funcionam as relações de trabalho no capitalismo dependente o qual estamos inseridos na América Latina, demonstrar como a estrutura que nos encontramos faz com que seja necessária a precariedade e a exploração na execução do trabalho. Para isso é necessário explicarmos a guinada à uma economia agroexportadora baseada na escravidão e espoliação que a América Latina se lançou pós independência e como isso nos coloca numa posição delimitada no contexto internacional, posição esta que força as relações internas a estarem subservientes ao contexto externo. Neste contexto quero demonstrar como a superexploração do trabalho acaba sendo a única alternativa às economias latino-americanas periféricas.

2.1 POR QUE O TRABALHO?

No decorrer da história do capitalismo o trabalho age como um dos principais pilares para a conformação de uma sociedade. Porém, dependendo da perspectiva de análise que se parte para analisá-lo, ele toma diferentes formas de expressão e de interpretação. Desta forma, não é qualquer análise de relações de trabalho que procuramos fazer, mas sim a que mais se aproxime do que realmente está colocado na realidade, e por este motivo partiremos do *método materialista dialético*¹ em todas as observações feitas neste trabalho. Neste exercício de observar as formas e aparências presentes no mundo em que vivemos para que seja possível chegar em seu cerne, é impossível não notar um elemento comum na história latino-americana – e conseqüentemente na história da acumulação capitalista – que é fundamental para a consolidação dos tempos históricos vividos, e que vivemos até hoje: o trabalho humano. A especificidade a qual ele assume no

¹O método materialista-dialético vai muito além de uma forma de 'aplicação' da teoria, corresponde à interpretação da realidade em si mesma, em continuado movimento. Sobre o tema, conferir por exemplo SÁNCHEZ VÁZQUEZ, [1967] 2009 ("Sobre a essência humana em Marx").

processo de colonização até os dias atuais no contexto latino-americano é determinante para explicar o desenvolvimento de nossas relações sociais.

O processo de colonização da América Latina tinha o trabalho escravo como cerne, no caso brasileiro – colônia portuguesa – sua configuração era baseada na estrutura de *Plantation* – trabalho escravo de negros e indígenas, produção em monocultura e latifúndio para satisfação de um mercado única e exclusivamente externo –. O controle do trabalho era o pilar essencial das colônias latino-americanas, pois através dele era possível uma produção em massa para a comercialização. Essa disposição permitia que os empresários europeus que instalaram-se na região conseguissem auferir lucros exorbitantes, já que os gastos com a manutenção das estruturas estabelecidas eram ínfimos em relação aos ganhos nas exportações, além disso, por a América Latina fornecer produção de matérias-primas, o abastecimento de alimentos e bens de subsistência nas economias centrais era garantido, conforme veremos com mais detalhes a seguir. Não existiriam excedentes tão satisfatórios neste contexto se não fosse pelo uso e abuso do trabalho escravo. Celso Furtado em *Formação Econômica do Brasil* exemplifica como se delimitava essa relação de gastos, investimentos e renda:

“Uma vez instalada a indústria, seu processo de expansão seguiu sempre as mesmas linhas: gastos monetários na importação de equipamentos, de alguns materiais de construção e de mão-de-obra escrava. A inversão [investimento] feita numa economia exportadora-escravista é fenômeno inteiramente diverso. Parte dela transforma-se em pagamentos feitos no exterior: é a importação de mão-de-obra, de equipamentos e materiais de construção; a parte maior, sem embargo, tem como origem a utilização mesma da força de trabalho escravo.[...] Os gastos de consumo apresentavam características similares. Parte substancial desses gastos era realizada no exterior, com a importação de artigos de consumo.[...] Ao inverso da unidade feudal, **ela [economia colonial] vive totalmente voltada para o mercado externo**” (FURTADO, p.55-58, 2005).

É inevitável trazer este contexto para o debate de acumulação primitiva que Karl Marx faz no livro *O Capital - Crítica da Economia Política* (2013 [1867]). Marx define a acumulação primitiva ou originária como o pontapé para o

modo de produção capitalista, já que nessa circunstância ocorria a transição do feudalismo para o capitalismo, e este processo foi marcado por um aspecto muito importante que possibilitou uma grande obtenção de capital: a separação forçada² da classe mais pobre de seus meios de produção, obrigando-os a tornarem-se trabalhadores assalariados para sobreviver. Ou seja, trata-se de uma forma de dominação do trabalho para estabelecer um processo de produção de mercadorias. Na definição de Marx configurava-se da seguinte forma:

“Num primeiro momento, dinheiro e mercadoria são tão pouco capital quanto os meios de produção e de subsistência. Eles precisam ser transformados em capital. Mas essa transformação só pode operar-se em determinadas circunstâncias, que contribuem para a mesma finalidade: é preciso que duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias se defrontem e estabeleçam contato; de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra de força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho. Trabalhadores livres no duplo sentido de que nem integram diretamente os meios de produção, como os escravos, servos etc., nem lhes pertencem os meios de produção, como no caso, por exemplo, do camponês que trabalha por sua própria conta etc., mas estão, antes, livres e desvinculados desses meios de produção. Com essa polarização do mercado estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista” (MARX, p.960-961, 2013).

²“Uma massa de proletários absolutamente livres foi lançada no mercado de trabalho pela dissolução dos séquitos feudais. Embora o poder real, ele mesmo um produto do desenvolvimento burguês, em sua ânsia pela conquista da soberania absoluta tenha acelerado violentamente a dissolução desses séquitos, ele não foi, de modo algum, a causa exclusiva dessa dissolução. Ao contrário, foi o grande senhor feudal que, na mais tenaz oposição à Coroa e ao Parlamento, criou um proletariado incomparavelmente maior tanto ao expulsar brutalmente os camponeses das terras onde viviam e sobre as quais possuíam os mesmos títulos jurídicos feudais que ele quanto ao usurpar-lhes as terras comunais. O impulso imediato para essas ações foi dado, na Inglaterra, particularmente pelo florescimento da manufatura flamenga de lã e o conseqüente aumento dos preços da lã. A velha nobreza feudal fora aniquilada pelas grandes guerras feudais; a nova nobreza era uma filha de sua época, para a qual o dinheiro era o poder de todos os poderes. Sua divisa era, por isso, transformar as terras de lavoura em pastagens de ovelhas.” (MARX, Karl, 2013, p. 965), explicando umas das formas de separação do trabalhador de seus meios de produção.

Marx tem como ótica de análise a realidade inglesa – já que era nela que ele estava inserido – mas, nesta época que abarcava aproximadamente os séculos XIV e XV, acontecia na América Latina os processos de busca por territórios para colonização, e conseqüentemente uma outra forma de dominação do trabalho pautada pela escravização de pessoas não-brancas. Em nossa análise perceberemos que a exploração e violência dos povos originários e negros, considerados raça inferiores pelos europeus, será a principal forma de relação presente na estrutura colonial, mesmo que Marx não abarque a realidade latino-americana e de países colonizados em sua análise de funcionamento do sistema capitalista, o diálogo entre as realidades existe, e nos permite trazer a interpretação das peculiaridades de nossa historicidade. “Na história real, como se sabe, o papel principal é desempenhado pela conquista, a subjugação, o assassínio para roubar, em suma, a violência” (MARX, p.960), e esta é uma das bases da emergência da América Latina como colônia.

A estrutura desta dominação tem outros pilares fundamentais que não são usualmente contados pela história hegemônica: o papel da mulher. Silvia Federici, em *O Calibã e a Bruxa – Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2017), discorre sobre como neste contexto de assalariamento as mulheres foram alocadas nas relações sociais como reprodutoras, cuidadoras do lar, subservientes aos homens, e quando não assumida essa imposição, taxadas de não-dignas e transgressoras. Segundo a autora, os aspectos principais desta época de acumulação primitiva, no que se refere ao papel da mulher, pautavam-se em três elementos:

“i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. E, o que é mais importante, coloquei no centro da análise da acumulação primitiva a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII; sustento aqui que a perseguição às bruxas, tanto na Europa quanto no Novo Mundo” (FEDERICI, p.16, 2017).

Porém, há também outra expressão das realidades dos países colonizados que rompe com esta análise de mulher do lar, trata-se do modo de produção escravista e o racismo trazido neste contexto, o qual veremos com mais profundidade no capítulo seguinte. Nele ficará explícito como a divisão do trabalho tinha a exploração e violência da mulher negra como cerne, e, como vimos que a organização do trabalho presente nas colônias possibilitava diretamente um enriquecimento dos países colonizadores, podemos considerar que há uma influência direta na acumulação primitiva das economias centrais, e conforme veremos a seguir, ela [organização do trabalho] também contribuiu diretamente no incremento da capacidade produtiva destas economias.

Mesmo com o fim do modo de produção escravista o trabalho continua sendo uma das grandes expressões humanas na sociedade, é necessário trabalhar para se ter dinheiro, para produzir alimentos, ferramentas, até mesmo para viver num contexto de subsistência, e, juntamente à este desenvolvimento do trabalho em si, vêm as consequências trazidas por ele de acordo com quem o executava, quem o comandava e quem o apropriava no contexto vigente. É a partir destes princípios que vemos a necessidade de analisar a configuração do trabalho à partir de suas expressões no capitalismo dependente.

Em sua análise sobre o trabalho descrita em *O Capital*, Marx (2013 [1867]) assume uma postura que podemos considerá-la proveniente de um viés antropológico, já que ele parte da observação do homem e da mulher como indivíduos em constante tensão entre seu ser genérico e a sua singularidade, e, para que esses indivíduos existam – sob a condição de relacionarem-se diretamente com a realidade – faz-se necessário haver uma objetivação desses indivíduos como sujeitos singulares, através de pequenos gestos que desenham uma pessoa como ela é, como por exemplo seu modo de interagir com outras pessoas, seus gostos, anseios, manifestações artísticas, etc. Porém há uma objetivação específica que é essencial, já que sem ela é impossível pensar a existência da mulher e do homem e sua reprodução, esta objetivação é o trabalho. Marx (2008 [1867]) assume o trabalho com essa importância pois para ele o indivíduo tem um peculiar privilégio de utilizar

os meios existentes na natureza para criar o novo a partir do que já existe, num movimento racional/teórico e manual/prático que permite o ser-humano idealizar a concretização dessa transformação em seu imaginário de acordo com suas necessidades, e isso é indispensável para a existência humana, ou melhor, é garantidor dela. Essa objetivação – o trabalho – é uma condição específica do ser-humano, característica inerente à homens e mulheres, pois somente eles conseguem fazer este movimento descrito. O objetivo de destacar o significado do trabalho para a vida humana é demonstrar como não se trata apenas de uma ocupação ou cargo, mas sim de uma ferramenta que é indispensável para a produção e reprodução da vida, e, justamente esta ferramenta, possibilitou o sucesso do processo de acumulação primitiva para os países centrais, e segue garantindo a possibilidade de maiores produções e acumulações de riquezas até hoje.

Porém, na lógica do modo de produção capitalista, esta designação de que o trabalho seria inerente ao homem e à mulher e indispensável para sua existência, está completamente vazia e desapropriada pelo trabalhador já que o processo de produção o suga de todas as formas. O conceito do trabalho que vimos até agora é suprimido e a relação do ser humano com a sua capacidade de transformar a natureza através do trabalho, se coisifica. Não há realização do trabalhador perante seu feito, muito menos senso de coletivo e de se enxergar e enxergar aos outros como uma unidade, a realização do trabalho não garante a realização do trabalhador, pelo contrário, causa repulsa e negação, não é possível para o indivíduo enxergar o que é mais humano nele, e não somente na esfera produtiva e nas relações do homem/mulher e trabalho, mas nas relações humanas.

Apesar de Marx descrever este processo de alienação como algo característico do modo de produção capitalista, ao tratar da realidade latino-americana é necessário entendermos o processo de segregação racial que é mantido até os dias atuais, que carrega junto uma configuração patriarcal e classista bem peculiares, sendo extremamente necessário compreender de onde vem esta herança, e não há outro ponto de partida que nos permita essa análise que não o processo de configuração do capitalismo a nível mundial, e conseqüentemente do capitalismo colonial.

A partir destes aspectos buscamos entender as principais contradições existentes na configuração do trabalho no capitalismo, onde num primeiro momento ele assume uma forma de transformação da natureza que é necessária para a sobrevivência humana mas em contrapartida é a principal forma de exploração do trabalhador.

2.2 O CAPITALISMO DEPENDENTE

O conceito de capitalismo dependente é recorrente nas análises sobre as economias latino-americanas na ótica do materialismo dialético. Em “Dialética da Dependência” (1973), Ruy Mauro Marini analisa como as economias da América Latina apresentam peculiaridades frente ao modo de produção capitalista estruturado nos países centrais, o qual ele chama de puro, e que este aspecto é possível de observar pelas características próprias concebidas pelas sociedades latino-americanas que saem da normalidade concebida por estes estados, ou seja, uma *deformidade*. Marini (1973) afirma que o que existe em nossa realidade latino-americana é um capitalismo *sui generis*³ que se conforma da maneira que o faz por estar inserido numa lógica maior existente, sendo necessário analisá-lo pela perspectiva do sistema o qual ele faz parte, a nível internacional e nacional.

Esta peculiaridade é estruturada pelos processos históricos que passou a América Latina, e um destes maiores processos indiscutivelmente é o papel de colônia imposto ao território. No capítulo seguinte entenderemos melhor como funciona a divisão racial, sexual e social do trabalho para estruturar o capitalismo colonial – incluso discutimos brevemente sobre ela no início deste capítulo – porém é importante que a citemos nesta análise para que fique explícita sua importância e papel para conformar o capitalismo *sui generis* presente na América Latina. A estruturação resultante do processo de colonização do território latino-americano foi conformada à partir da acumulação por despossessão, divisão racial do trabalho por meio do trabalho escravo e produção em grandes latifúndios monocultores – especificamente acentuada na colônia portuguesa – para exportação

³Sui generis é uma expressão em latim que significa “de seu próprio gênero”; “específico”; “peculiar”.

(QUIJANO, 2005), esta disposição de correlação de forças constituiu uma elite crioula⁴ que não estava interessada em defender o território latino-americano por um viés nacionalista – no sentido de fomentar uma estrutura interna e defendê-la frente aos domínios externos – e muito menos em abrir mão de seu poder pautado na premissa de raça superior – um dos motivos de a consolidação da lei abolicionista não representar de fato uma ruptura com a lógica de escravização –.

Quando estoura o período de independências latino-americanas, com as colônias agora prestes a se transformarem em Estados, há uma escolha a se fazer: como se constituirá a autonomia dos países? Haverá rompimento com esta divisão racial, social e de gênero do trabalho?

A conformação da sociedade latino-americana pautada em mais de 300 anos de escravidão faz com que a correlação de forças internas penda para a defesa dos interesses internacionais e das oligarquias locais – elite crioula – constituídas neste processo, ou seja, não há rompimento com a estrutura colonial. A América Latina agora se insere no sistema internacional como uma economia agroexportadora, não mais como colônia, porém mantendo o pacto de subserviência aos países centrais. A organização da vida cotidiana continua pautada pelo controle do trabalho e sua divisão racial, social e de gênero e a produção totalmente voltada para matérias-primas. Marini (1973) afirma que:

“A revolução industrial, que dará início a ela (industrialização), corresponde na América Latina à independência política que, conquistada nas primeiras décadas do século 19, fará surgir, com base na estrutura demográfica e administrativa construída durante a Colônia, um conjunto de países que passam a girar em torno da Inglaterra. Os fluxos de mercadorias e, posteriormente, de capitais têm nesta seu ponto de entroncamento: **ignorando uns aos outros, os novos países se articularão diretamente com a metrópole inglesa e, em função dos requerimentos desta, começarão a produzir e a exportar bens primários, em troca de manufaturas de consumo e — quando a exportação supera as importações — de dívidas**” (MARINI, p.327, 1973, grifo nosso).

⁴Há vários significados para o *crioulo*, neste contexto utilizamos crioulo para designar os descendentes europeus nascidos no Brasil e território latino-americano.

Neste momento configura-se, então, a relação que as economias latino-americanas terão com os centros capitalistas europeus: condição de países dependentes dentro de uma estrutura de divisão internacional do trabalho⁵. Como pudemos analisar até aqui a configuração de divisão do trabalho já tinha sua delimitação nas relações sociais cotidianas dos países latino-americanos, a divisão internacional do trabalho funciona com a mesma lógica, impõe-se aos países da América Latina e Caribe o papel de provedor de matérias-primas, não mais no contexto de colônia, mas de participantes do comércio internacional. Nas palavras de Marini (1973):

“[...]é a partir de então que se configura a dependência, entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência” (MARINI, p. 327, 1973).

Neste contexto conforma-se o capitalismo dependente. É importante ressaltar que justamente por essa condição de provedora de matérias-primas a América Latina insere-se no sistema internacional como facilitadora do crescimento quantitativo das economias centrais, isso acontece pois estas matérias-primas correspondem à alimentos e “[...] meios de subsistência de origem agropecuária, proporcionados de forma considerável pelos países latino-americanos” (MARINI, 1973), permitindo o aprofundamento da divisão internacional do trabalho e que os países centrais – e em processos de industrialização – se especializassem em produções manufaturadas.

Para que entendamos como se desenvolve essa questão é importante compreender que Marx (2013 [1867]) analisa a força de trabalho –

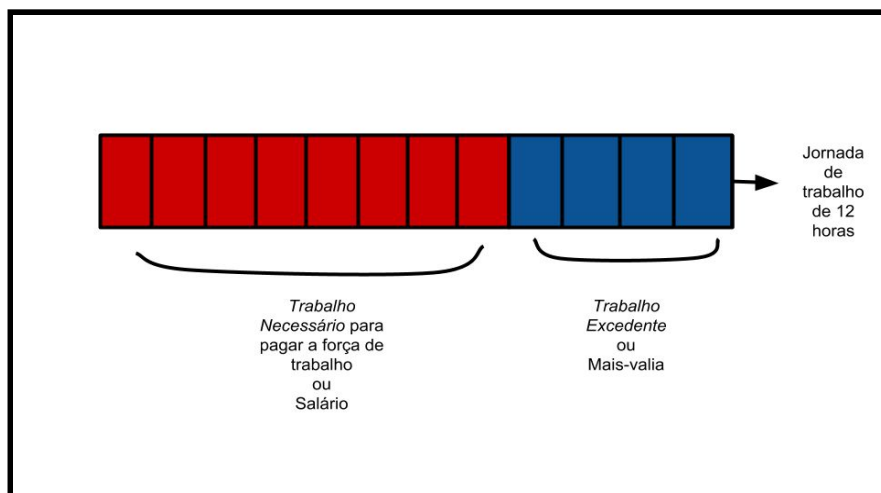
⁵O termo divisão internacional do trabalho surge no livro de Adam Smith, *Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações* (1776), com o objetivo de dialogar com a época pré Revolução Industrial e de grande desenvolvimento do capitalismo discorrendo sobre as possibilidade de se prosperar com as indústrias, Smith conta como a divisão do trabalho na produção era responsável pelo sucesso na produtividade e que o segredo para que todas as Nações prosperassem da mesma forma era uma Divisão Internacional do Trabalho pautada nas vantagens comparativas - o que cada território produziria da “melhor forma” - de cada país.

capacidade do ser-humano de trabalhar – como [mais] uma mercadoria no modo de produção capitalista, sendo a única [mercadoria] que o proletário⁶ é dono, restando à ele somente vendê-la para sobreviver, e assim como todas as outras mercadorias ela também tem o seu valor de troca representado pelo *tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção*, e neste caso, reprodução. Isto quer dizer que o valor da força de trabalho de uma pessoa corresponde ao tempo socialmente necessário para a produção da cesta de bens de subsistência dela mesma e de sua família, ou seja, produção de alimentos, vestimentas, moradia e etc, para que o trabalhador possa se manter vivo – automaticamente mantendo viva sua capacidade de trabalhar –, e possa reproduzir esta capacidade. E, como descrito, é necessário que seja um tempo médio socialmente determinado, para que a abrangência do valor seja universal, não importando se uma indústria produz alimentos muito mais rápido que outra, a conta será baseada na média entre todas. Então, a partir desta medição, calcula-se aproximadamente qual deve ser o salário do trabalhador, baseado no valor – expresso no preço – dos bens necessários para a sua sobrevivência e de sua família.

Neste contexto, Marx (2013 [1867]) também afirma que a jornada de trabalho submetida ao trabalhador em questão cumprirá um papel dialético, se, por exemplo, alguém é contratado para exercer um trabalho por 12 horas, apenas determinada parte dessa jornada corresponderá ao valor da força de trabalho do empregado, isto supostamente significaria que o trabalhador já exerceu seu trabalho por completo, já que sua capacidade de trabalhar foi contratada pelo quanto ela vale, porém o que ocorre é que o empregado continua trabalhando pelo restante da – que também está no contrato – produzindo bens e despendendo energia que são simplesmente apropriados pelo capitalista, ou exercendo um *trabalho excedente*.

⁶Proveniente do latim *proletarii* (os que criam os filhos), corresponde às classes mais baixas - antagonistas a classe capitalista - sem terra, sem propriedade, pejorativamente relacionado a pessoas que só procriam, mas, ressignificado para designar trabalhadores no contexto d'O *Capital* de Marx.

Imagem 1 – Jornada de Trabalho



Fonte: Elaboração própria, com base no disposto em *O Capital: Crítica da economia política*

Nesta figura podemos observar a disposição da estrutura da jornada de trabalho, o *trabalho excedente* não pago ao trabalhador é a origem da *mais-valia*, ou seja, é a principal forma de lucro do capitalista. Marx denomina esta forma “simples” de obtenção de mais-valia como *mais-valia absoluta*. Porém, o capitalista como bom exercedor de sua função social, visa sempre, incessante e desenfreadamente a obtenção de cada vez mais lucro, no contexto pós Revolução Industrial e de grande desenvolvimento da indústria o qual Marx aborda não havia legislação das relações de trabalho, era comum jornadas de 13, 14, 15 horas, pela luta e reivindicação dos trabalhadores a Lei Fabril é instaurada delimitando algumas condições pautadas pelos trabalhadores, como a jornada fixa de trabalho. Dentre este e outros cenários resultantes da correlação de forças entre capital versus trabalho o capitalista vê-se na posição de buscar alternativas de obter mais *mais-valia*, o bem-estar do proletário não pode interferir em seu lucro.

Neste contexto, temos a expressão da *mais-valia relativa*, ela corresponde à obtenção de mais *mais-valia* por meio da diminuição do valor da força de trabalho – já que não é possível aumentar mais na jornada – ou seja, na

diminuição de salários. E, segundo vimos, para isso é necessária uma diminuição do valor de troca dos bens de subsistência do trabalhador, e é justamente isto que a América Latina proporciona aos países centrais ao assumir um papel de provedora de matérias-primas. Marini (1973) afirma que:

“A oferta mundial de alimentos, que a América Latina contribuiu para criar, e que alcançou seu auge na segunda metade do século 19, será um elemento decisivo para que os países industriais confiem ao comércio exterior a atenção de suas necessidade de meios de subsistência. O efeito dessa oferta (ampliado pela depressão de preços dos produtos primários no mercado mundial) será o de reduzir o valor real da força de trabalho nos países industriais, permitindo assim que o incremento da produtividade se traduza ali em taxas de mais-valia cada vez mais elevadas” (MARINI, p. 329 1973).

Há também mais alguns aspectos contraditórios desta correlação de forças, outros elementos também interferem na composição da taxa de lucro⁷ do capitalista, como por exemplo os meios de trabalho (maquinário, infraestrutura, matéria-prima para produção de determinados bens, etc), chamado por Marx de *capital constante* – enquanto os gastos com força de trabalho correspondem ao *capital variável* –, fazendo com que mesmo que haja uma grande indústria de suprimento de bens de subsistência para o trabalhador ainda seja possível auferir lucros não satisfatórios, mas, o contexto latino-americano também faz com que essa contradição seja facilmente superada pelo capitalismo central, já que disponibiliza produtos primários muito baratos. Segundo Marini:

“[...] é mediante o aumento de uma massa de produtos cada vez mais baratos no mercado internacional, que a América Latina não só alimenta a expansão quantitativa da produção capitalista nos países industriais, mas também contribui para que sejam superados os obstáculos que o caráter contraditório da acumulação de capital cria para essa expansão” (MARINI, 1973).

⁷Marx elabora uma fórmula matemática que calcula a taxa de lucro do capitalista. A conta envolve a razão entre mais-valia e capital variável + capital constante ($m/c+v$).

Ademais, este processo de absorção das matérias-primas da América Latina pelos países centrais culmina numa *transferência de valor* do território latino-americano ao centro, pois enquanto propiciamos uma melhor capacidade produtiva aos trabalhadores das economias hegemônicas fazendo com que eles possam se especializar em tecnologias mais avançadas, continuamos na mesma lógica de produção com os mesmos desenvolvimentos tecnológicos, chegando a um ponto em que os valores de troca dos produtos intercambiados não são equivalentes, pelo contrário, são totalmente discrepantes. Um exemplo que podemos apontar é a relação feita no vídeo produzido pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), denominado “Prebisch y los terminos de intercambio⁸”, o qual explica a deterioração dos termos de troca demonstrando que ao Brasil basear sua exportação majoritariamente pelo café, por exemplo, chega-se num nível que mesmo com incremento na renda dos países centrais eles não consumirão mais e mais café, mas nós seguiremos consumindo a mesma quantidade – ou até mais – de produtos manufaturados que necessitamos. (Note-se que o vídeo da CEPAL, de acordo com a perspectiva desenvolvimentista e industrialista daquela instituição, resume a transferência de valor à deterioração dos termos de troca, ao contrário da perspectiva marxista que a identifica como um processo mais amplo, determinado também pelos diferenciais de produtividade na produção de mercadorias idênticas e não apenas pelo monopólio na produção de bens industriais.)

Para compensar estas contradições, que se expressam majoritariamente na transferência de valor - aqui entendida como amplo processo inserido na divisão internacional do trabalho e na historicidade da industrialização capitalista -, a América Latina precisa fazer uma escolha, e coube à elite oligárquica crioula local determinar o posicionamento da região latino-americana frente à este cenário. Esta tomada de decisão poderia estar pautada num rompimento e tentativa de superação da estrutura de submissão – e que logo virou dependência –, ou também em um desenvolvimento das forças produtivas, mas, num profundo comprometimento de manutenção da lógica de exploração e do pensamento

⁸ "Prebisch y los términos de intercambio - YouTube." 6 dez. 2012, <https://www.youtube.com/watch?v=sqUQQX1dTx8>. Acessado em 8 dez. 2018.

moderno, a saída enxergada é de explorar da maior forma possível e através predominantemente da intensificação relativa da jornada dos trabalhadores latino-americanos, e Marini (1973) denomina este movimento de compensação estrutural da transferência de valor para fora de nossa região como *superexploração do trabalho*:

“[...] o que aparecia como um mecanismo de compensação no nível de mercado é de fato um mecanismo que opera em nível da produção interna [da América Latina] [...] No entanto, o desenvolvimento da produção latino-americana, que permite à região coadjuvar com essa mudança qualitativa nos países centrais, dar-se-á fundamentalmente com base em uma maior exploração do trabalhador” (MARINI, p.333, 1973).

Neste contexto, temos a compreensão de que o trabalho continuará demarcando e produzindo relações de exploração sob a estruturação do capitalismo dependente que se dá no território latino-americano. A consolidação deste capitalismo além de trazer as características macroeconômicas de subserviência ao sistema internacional hegemônico, também traz desde sua gênese a configuração de um sistema racista, patriarcal e classista, que constitui sua própria historicidade e que teremos a oportunidade de entender melhor no terceiro capítulo, mesmo a partir de um exercício de abstração, para ser possível mirar por todas as camadas de contradições e expressões que traz o modo de produção capitalista é evidente a definição de quem ocupa determinado lugar nas divisões de papéis das relações cotidianas, e, principalmente, das relações de trabalho cotidianas. A seguir procuraremos entender como se configura a categoria superexploração do trabalho, e como ela é de fato presente na vida cotidiana da população latino-americana, e, dentro de nossa análise, brasileira.

2.3 A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO

Chegamos agora na percepção de como essa configuração a nível macroeconômico, à qual já nos referimos, interfere nas relações sociais e de produção internas da América Latina, muito para além de se contrapor ou buscar romper com a transferência de valor estabelecida o território latino-americano precisa “compensar a perda de mais-valia, e que, incapaz de impedi-la no nível das relações de mercado, a reação da economia dependente é compensá-la no plano da produção interna” (MARINI, 1973). Esta compensação é pautada num aprofundamento das relações de dominação e exploração na correlação de forças capital versus trabalho, o qual Marini denomina de *superexploração do trabalho*. Sua configuração dá-se por três aspectos fundamentais: prolongamento da jornada de trabalho; aumento da intensidade do trabalho; e a redução do fundo de consumo dos trabalhadores além de seu limite normal, conformada pela redução dos salários e não pelo valor da força de trabalho diminuída, mas por pura e simples violação.

O prolongamento da jornada de trabalho corresponde ao aumento da parte da jornada referente ao trabalho excedente, ou seja, além dos “limites normais”. É como se, no exemplo da jornada de 12 horas que tivemos acima, o trabalhador executasse mais horas de trabalho, aumentando a quantidade de trabalho excedente que ele produz. Mathias Luce, em *Teoria Marxista da Dependência – Problemas e Categorias. Uma Visão Histórica* (2018)⁹, exemplifica este aspecto da superexploração com as horas extras atribuídas no Brasil, a partir

⁹Apesar de não estar delimitada no decorrer deste capítulo, a Teoria Marxista da Dependência (TMD) dialoga diretamente com a análise que propomos fazer neste trabalho. A TMD trata-se de uma produção intelectual e análise da realidade comprometida em entender a dependência latino-americana e buscar superá-la. O contexto de nascimento dela acontece na década de 50/60 em meio aos debates de uma possível industrialização da América Latina e como ela sucederia. O ponto de partida é claro: não é possível superar a dependência sem superar o capitalismo, tentar remendar esta estrutura de subserviência latino-americana ao sistema internacional é um exercício em vão, já que o desenvolvimento de uma economia dependente só é possível se ela continuar executando este papel. Luce (2018) a define da seguinte maneira: “Forjada no calor da luta de classes na América Latina nos anos 1960 e 1970 pelos brasileiros Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos, a TMD é a síntese do encontro profícuo entre a teoria do valor de Marx e a teoria marxista do imperialismo, esta última formulada, entre outros, por Lênin. Deste encontro nasceu o veio teórico em que se descobriram categorias originais, para dar conta de explicar processos e tendências específicos no âmbito da totalidade integrada e a diferenciada que é o capitalismo mundial”.

do momento que se ultrapassa o valor médio semanal de horas trabalhadas normalmente – no caso brasileiro podemos usar como exemplo a Lei Trabalhista que configura 44 horas semanais como o adequado para se trabalhar – há uma delimitação de superexploração, Luce afirma que:

“[...] a chamada hora extra não constitui em si superexploração, mas somente quando o prolongamento do tempo de jornada de trabalho (seja na jornada diária ou total) viola o fundo de vida do trabalhador, de maneira a provocar um desgaste de tal ordem, encurtando sua vida útil para o trabalho” (LUCE, p.183, 2018).

O aumento da intensidade do trabalho corresponde a um maior dispêndio de energia do trabalhador, mediante uma elevação no ritmo ou simplesmente maior desgaste físico, em um mesmo período de tempo. Geralmente não é acompanhado a um incremento tecnológico, fazendo com que o trabalhador tenha que trabalhar mais para obter um resultado equivalente à uma produção que conta com desenvolvimento tecnológico. Luce (2018) traz o seguinte exemplo:

“Segundo estudo com os cortadores manuais em atividade no interior paulista, em apenas dez minutos cada trabalhador corta 400kg de cana, desfere 131 golpes de facão e flexiona o tronco 138 vezes. Ao final de um dia de trabalho, após numerosas sequências de operações repetitivas e extenuantes, são computados em média por trabalhador: 11,5 toneladas de cana cortadas 3.792 golpes de facão e 3.994 flexões de coluna. Como resultado, chegou-se a apurar expectativas de vida desses trabalhadores que não ultrapassam os 35 anos de idade. [...] o estímulo à mecanização do corte de cana sem que se altere as lógicas das relações de produção exercerá pressão para que os trabalhadores de empresa não mecanizadas sejam obrigados a cumprir cotas ainda maiores de produção, fazendo elevar ainda mais o esgotamento de sua força de trabalho” (LUCE, p.190 e 191, 2018).

Já a redução do fundo de consumo do trabalhador trata-se de quando a remuneração – salário – não corresponde ao valor necessário para sua sobrevivência e de sua família, ou seja, recebe-se abaixo do valor correspondente à

força de trabalho, Luce (2018) também nos traz um exemplo desse aspecto da superexploração analisando o trabalho que o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) faz ao expor qual seria a média de um salário necessário para a sobrevivência de um trabalhador no Brasil, a pesquisa do DIEESE:

“[...] toma em consideração não apenas o salário mínimo legal no comparativo com a inflação, mas o salário que deveria expressar a quantia necessária para cobrir gastos com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social” (LUCE, p.180, 2018).

Esta análise feita pelo DIEESE pode ser interpretada como uma aproximação de qual seria o valor expresso em reais da força de trabalho, e no último estudo disponibilizado em novembro deste mesmo ano o salário mínimo necessário seria de R\$ 3.959,98 enquanto o salário mínimo vigente corresponde a R\$954,00¹⁰.

Em suma, sobre a categoria superexploração do trabalho é importante entender que:

“[...] a característica essencial está dada pelo fato de que são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho: nos dois primeiros casos, porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último, porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal. Em termos capitalistas, esses mecanismos (que ademais podem se apresentar, e normalmente se apresentam, de forma combinada) significam que o trabalho é remunerado abaixo de seu valor e correspondem, portanto, a uma superexploração do trabalho” (MARINI,p.334, 1973).

¹⁰“DIEESE - análise cesta básica - Salário mínimo nominal e necessário” <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acessado em 8 dez. 2018.

A partir desta concepção conseguimos partir de uma interpretação que contemple a realidade latino-americana, já que, conforme discorreremos até aqui, a configuração do capitalismo na América Latina tem suas peculiaridades, culminando num capitalismo dependente. No tópico a seguir faremos o exercício de analisar mais de perto as relações cotidianas, exemplificando como a superexploração tem ligação direta, e até mesmo se constitui, na divisão interseccional do trabalho.

2.4 COMO A SUPEREXPLORAÇÃO DIALOGA COM A DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO

O objetivo de analisarmos a configuração do território latino-americano frente ao contexto internacional de estruturação do modo de produção capitalista é possibilitar o entendimento do porque sempre resta ao povo pagar a conta no jogo de quem lucra mais. A superexploração do trabalhador é a forma de se conseguir extrair mais mais-valia para compensar a não capacidade de a América Latina jogar à altura dos países centrais.

No capítulo seguinte explicitaremos como a divisão do trabalho pautada pelo eixo racial, social e de gênero perdura até os dias atuais, e, se a superexploração é a regra no estabelecimento das relações de trabalho na América Latina, não há como não fazer parte da configuração da divisão interseccional do trabalho que propomos analisar. Ao analisar o aspecto de remuneração abaixo do necessário para manutenção da vida do trabalhador Luce (2018) afirma que:

“Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de, 2011, do total dos trabalhadores brasileiros ocupados, 23,6% recebiam até 1 salário mínimo; 22,4%, de 1 a 2 salários mínimos; e 9,0%, de 2 a 3 salários mínimos. Somando essas três faixas de rendimento do trabalho, constata-se que 55% da população trabalhadora recebia até 3 salários mínimos. Considerando que o salário mínimo fixado para o ano de 2011 foi de R\$545,00 e que o salário mínimo necessário em dezembro de 2011 equivalia a R\$2.329,00 a preços de então, mais da metade dos

trabalhadores brasileiros recebiam remuneração inferior ao salário mínimo necessário” (LUCE, p.182 e 183, 2018).

Em contrapartida, no estudo apresentado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA chamado “Retrato das desigualdades de gênero e raça 1995-2015”, publicado em 2017, é relatado que em média, uma mulher negra ganha 40% a menos do que um homem branco no Brasil e que as mulheres brancas, apesar de terem salário médio superior ao salário de negros e negras, ganham significativamente menos do que os homens brancos no país, se analisarmos essas duas proposições levantadas por Mathias Luce e pelo IPEA, conseguimos perceber que nesta lógica a mulher preta se insere na base desta pirâmides, com os piores salários.

A pesquisa trazida pelo IPEA também explicita que entre 1995 e 2015 a taxa de participação feminina no mercado de trabalho formal pouco oscilou em torno dos 54-55%, não chegando a 60%. Isto significa que quase metade das brasileiras em idade ativa está fora do mercado de trabalho, o percentual masculino chegou a 85% e vem caindo, tendo alcançado menos de 78% no último ano da série.

Outra ótica de análise que nos permite entender o papel da mulher negra na divisão do trabalho acompanhado da superexploração é a realização do trabalho doméstico. Este tipo de trabalho não pode ser interpretado apenas como um trabalho como outro qualquer, a configuração dele é pautada pela organização do lar e cuidado da família, o qual tem ligação direta com a reprodução da própria vida, e, conseqüentemente, da força de trabalho representada pela vitalidade do ser-humano. Na análise que inferimos sobre a acumulação primitiva, a divisão sexual do trabalho já pautava-se na atribuição dos serviços domésticos às mulheres, e, conforme veremos no capítulo seguinte, a mulher negra escravizada nas colônias cumpria um papel de ama da casa, cuidando dos filhos dos senhores, cozinheira, lavadeira, permitindo que toda a família senhorial se reproduzisse com vigor. No estudo feito pelo DIEESE intitulado “O Emprego Doméstico no Brasil”, publicado em 2013, constata-se que 6,6 milhões de indivíduos brasileiros estão inseridos no

trabalho doméstico, e 6,1 milhões deste montante trata-se de mulheres (92,6%). Desta porcentagem, 61% corresponde à mulheres negras, e esta configuração não acontece de forma isolada, está diretamente ligada ao imaginário de mão preta e mucama, delimitando o papel da mulher negra exclusivamente ao serviço doméstico – quando não à violência sexual e laboral – segundo o DIEESE (2013):

“O contingente elevado de mulheres negras no trabalho doméstico é consequência da histórica associação entre este tipo de atividade e a escravidão, em que tal função era majoritariamente delegada às mulheres negras. Atualmente, ainda existem resquícios dessas relações escravagistas no emprego doméstico, havendo, com frequência, preconceito e desrespeito aos direitos humanos e aos direitos fundamentais no trabalho. As relações de trabalho são marcadas, muitas vezes, por relações interpessoais e familiares, descaracterizando o caráter profissional da ocupação. Além disso, o emprego doméstico ainda permanece como uma das principais possibilidades de inserção das mulheres pobres, negras, de baixa escolaridade e sem qualificação profissional, no mercado de trabalho” (DIEESE, p.6, 2013).

Além desta divisão que aqui denominamos como divisão interseccional, o exercício do trabalho doméstico remunerado configura-se em muitos aspectos por meio da superexploração do trabalho, na pesquisa sobre “Trabalho Doméstico Remunerado”, também do DIEESE, publicado em 2018, podemos observar que nas Regiões Metropolitanas, que abarcam São Paulo, Salvador e Porto Alegre, somado ao Distrito Federal, metade ou mais das trabalhadoras domésticas não têm vínculo empregatício formal, trabalhando como mensalistas sem carteira ou como diaristas. E, numa análise intrigante sobre as horas semanais trabalhadas, observamos que em Salvador, onde 96,7% das trabalhadoras são mulheres negras¹¹, 69,5% tinham jornadas de trabalho acima de 44 horas em 2012, e 47,3% em 2017, o que nos diz muito sobre o prolongamento da jornada de trabalho presente na definição da superexploração.

¹¹SCHNEIDER, Élen Cristiane. O Valor Social do Trabalho Doméstico e a Justiça Consubstancial, p.90, 2016.

A partir das constatações que pudemos fazer com os dados apresentados é necessário que ampliemos a visão da relação entre superexploração e divisão interseccional do trabalho, evidenciando a importância de uma análise interseccional da realidade. No capítulo a seguir entenderemos como essa questão se desenvolve.

3 A DIVISÃO INTERSECCIONAL DO TRABALHO

A proposta deste capítulo é demonstrar o porquê faz-se necessária a ótica da interseccionalidade para abordar a divisão do trabalho que objetivamos analisar, assim como para entender como estruturam-se as relações sociais as quais estamos inseridas. Analisaremos os papéis que foram impostos às mulheres negras desde o período escravocrata e como esta designação tem resquícios em suas representações até os tempos atuais na configuração de uma sociedade racista, classista e patriarcal. A partir desta perspectiva, então, será possível compreender a urgência de uma análise sobre a divisão do trabalho que coloque em debate a questão racial aliada ao gênero e classe, a qual chamaremos de divisão interseccional do trabalho.

3.1 A DIVISÃO DO TRABALHO

O termo divisão do trabalho é comumente conhecido nos debates epistemológicos, no âmbito das ciências econômicas temos uma inclinação trazida para essa denominação que ganha corpo no famoso livro de Adam Smith intitulado *Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, publicado em 1776. Neste momento surge um novo debate sobre a organização das relações de trabalho e a produção, onde a divisão e especialização internacional do trabalho para produção em massa é tema fundamental para a prosperidade de uma nação,

levando em consideração o desenvolvimento cada vez mais fervoroso do modo de produção capitalista. Em contrapartida ao significado deste termo que é mais conhecido e usado, podemos observar diversas literaturas que inserem discussões sobre outras formas de divisão do trabalho. Aníbal Quijano em *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*, de 2005, analisa as configurações de trabalho estabelecidas no período colonial no Brasil e América Latina, destacando o ideário de raça superior que trazia a população ibérica - fruto do conceito de modernidade e de civilização presente na cultura eurocêntrica - ao estabelecer relações com os povos originários presentes nos territórios que foram invadidos. Neste contexto, há uma classificação racial da população imposta pelos europeus, onde “[...] desde o começo da América, os futuros europeus associaram o trabalho não pago ou não-assalariado com as raças dominadas, porque eram raças inferiores” (QUIJANO, p.120, 2005). É com esta prerrogativa que o trabalho escravo é imposto primeiramente à população indígena e logo depois aos negros trazidos do continente africano. O controle e a divisão do trabalho executados desta forma foram fundamentais para a estruturação de uma produção em massa para exportação. Quijano afirma que:

“O controle do trabalho no novo padrão de poder mundial constituiu-se, assim, articulando todas as formas históricas de controle do trabalho em torno da relação capital-trabalho assalariado, e desse modo sob o domínio desta. Mas tal articulação foi constitutivamente colonial, pois se baseou, primeiro, na adscrição (submissão) de todas as formas de trabalho não remunerado às raças colonizadas, originalmente índios, negros e de modo mais complexo, os mestiços, na América e mais tarde às demais raças colonizadas no resto do mundo, oliváceos e amarelos. E, segundo, na adscrição do trabalho pago, assalariado, à raça colonizadora, os brancos” (QUIJANO, p.120, 2005).

Outro recorte para interpretação da divisão do trabalho é o de gênero, neste contexto evidenciam-se os papéis impostos às mulheres em nome de seu sexo biológico, mas que ao mesmo tempo carregam um estigma de designar o que seriam ocupações de homens versus de mulheres pautados pela construção

social de uma superioridade masculina. Friedrich Engels em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de 1884, faz uma análise referente às sociedades na acumulação primitiva de como a reviravolta de uma sociedade matriarcal para patriarcal, que teve seu clímax no início da lógica propriedade privada, transformou a mulher em um órgão reprodutor ambulante a qual agora apenas serviria para parir os herdeiros do homem, e assim perpetuar sua possessão de bens. Segundo Engels, “[...] O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução.” (p.95, 1989), a partir daí a mulher assume um papel de sexo frágil e inferior, seu trabalho é cuidar da casa e administrar serviços ligados à manutenção da estrutura de sua família, como vigiar as escravas, por exemplo.

Engels não sabe dizer especificamente o que influencia esta virada de chave na configuração das relações familiares, em que momento o homem vê-se obrigado a priorizar seus bens materiais, garantir seus herdeiros, e, principalmente, exercer uma dominação perante à mulher. De qualquer forma, é evidente que o motor desta mudança é o surgimento da propriedade privada, e este aspecto é expressivo até os dias atuais, já que trata-se de uma configuração essencial para a manutenção do capitalismo. Mas, além de pensar nas relações econômicas que este motor traz, é importante tocar na questão da imposição de uma dominação masculina, por que a mulher deve submeter-se e não o homem? É neste contexto que emergem as concepções de patriarcado e que, apesar de haver um amplo debate sobre seus possíveis significados e expressões na sociedade, nos é essencial saber que ele [patriarcado] objetiva significar a dominação masculina naturalizada em detrimento das mulheres. Heleieth Safiotti, em *Gênero, Patriarcado e Violência*, de 2004, intitula o patriarcado como sendo o sistema mais antigo de exploração-dominação, referindo-se a milênios da história mais próxima, onde implantou-se uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Podemos, então, associar este momento como um suscito ao início de uma divisão sexual do trabalho: a mulher reprodutora e cuidadora do lar.

Danièle Kergoat em seu artigo intitulado “Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo” publicado em 2000, define a divisão sexual do trabalho como:

“[...] uma forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...)” (KERGOAT, p.01, 2000).

Em sua pesquisa, Danièle Kergoat coloca em discussão a essência que faz com que as mulheres tenham papéis determinados historicamente, num exercício de questionamento e mapeamento destas funções. Kergoat destaca que o surgimento desta denominação parte das próprias mulheres que questionam-se sobre as diversas funções que assumem e ao mesmo tempo da não valorização destas [funções], e como seria possível ressignificar o trabalho em suas vidas cotidianas. O objetivo desta análise é muito além de mapear os postos assumidos pelas mulheres em suas casas, mas de compreender o porquê “[...] uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres [e o porquê] que este trabalho era invisível, que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal.” (KERGOAT, p.02, 2000). Em 2007, Kergoat e Hirata publicam o artigo “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho” onde aprofundam a definição do conceito de divisão sexual do trabalho e introduzem o debate sobre a conciliação do trabalho doméstico e reprodutivo e a vida profissional e pública destas mulheres.

A perspectiva de análise sobre o trabalho doméstico também faz-se presente nos estudos sobre a divisão sexual do trabalho, Silvia Federici no texto “Salario contra el trabajo doméstico”, publicado em 1976, aborda o papel imposto às mulheres de cuidadoras do lar e o quanto esta imposição vem atrelada a um dever passional representado na premissa de que cuidar da casa, lavar, passar, e cozinhar para seus filhos e marido corresponde a uma forma de amor e cuidado que a mulher

tem perante a sua família. Ao mesmo tempo que Federici (1976) criticou a exploração do trabalhador na configuração do trabalho assalariado, ela defendeu a necessidade de se compreender que o trabalho doméstico também é um trabalho onde a trabalhadora que o exerce despende de sua energia plasmada na força de trabalho por uma determinada quantidade de horas, e justamente por isso tem o direito de receber um salário. Porém, a regra que se aplica neste caso é desqualificar o exercício do trabalho doméstico, já que a concepção que tem-se dele é:

“[...] el hecho de que no sólo el trabajo doméstico ha sido impuesto a las mujeres, sino que ha sido transformado en un atributo natural de su personalidad femenina, una necesidad interna, una aspiración que supuestamente nace de lo más profundo de nuestro carácter” (FEDERICI, p.53, 1975).

Apesar destas grandes e importantes produções sobre as relações de trabalho introduzindo as óticas de raça e gênero, é perceptível a não contemplação da historicidade das mulheres latino-americanas baixo essas interpretações. Maria Lugones (2008) em “Colonialidad y Género” questiona a análise de Quijano pela não abordagem das questões de gênero presentes no período de colonização, e que foram fundamentais para o estabelecimento da divisão do trabalho na época, apesar de Quijano afirmar que existe também um “controle do sexo” - o qual ele não define explicitamente o que é - há uma lacuna em relação ao papel crucial que o trabalho das mulheres indígenas e escravas representaram neste período, ou, como afirma Lugones:

“[...] dentro de su marco, existe una descripción de género que no se coloca bajo interrogación y que es demasiado estrecha e hiper-biologizada ya que presupone el dimorfismo sexual, la heterosexualidad, la distribución patriarcal del poder y otras presuposiciones de este tipo” (LUGONES, p.82, 2008).

Ao mesmo tempo, pensar sobre as análises que suscitaram Kergoat e Hirata ao introduzirem as relações de gênero para o debate do trabalho e da divisão do trabalho nas sociedades, também traz o questionamento de até que ponto essa discussão contempla a realidade das mulheres latino-americanas, e, principalmente, das mulheres negras. No cotidiano de mulheres escravas, por exemplo, não há espaço para discutir o significado de inserir-se no mercado de trabalho, ou questionar-se do porquê existir um ideário de mulher materna e frágil, a mulher negra escrava não tem opinião ou vontade, e muito menos é vista como doce e frágil. Em “Enegrecer o Feminismo”, publicado em 2001, Sueli Carneiro descreve pontualmente este antagonismo presente no “ser mulher preta”:

“Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estão falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.” (CARNEIRO, p.01, 2001).

A partir deste raciocínio é possível perceber o quão descoladas das realidades latino-americanas essas análises podem estar ao tentarem explicar a totalidade da estrutura da sociedade em que vivemos sem compreender as bases que as consolidaram, como a escravidão e colonização. Segundo o estudo “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça” executado pelo IPEA, ONU Mulheres e SPM¹², lançado em 2017 e com dados correspondentes de 1995 a 2015, vivemos num país com 204 milhões de habitantes, as quais 105 milhões são mulheres, cerca de

¹²IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; ONU Mulheres - Entidade das Nações Unidas para Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres e SPM - Secretaria de Políticas para as Mulheres do Ministério da Justiça e Cidadania.

55 milhões identificam-se como negras e pardas e aproximadamente 1 milhão como amarelas e indígenas. Essas mulheres negras representam o maior contingente de desempregadas, analfabetas, possuidoras de menor renda, e que exercem trabalho doméstico remunerado. Vale lembrar que apenas 55% de todas as mulheres brasileiras encontram-se empregadas formalmente.

Somente é possível entender o que estrutura esta disposição social – a qual as mulheres encontram-se sempre abaixo dos homens e as mulheres negras mais abaixo ainda – se dispusermos a analisar o papel histórico designado à elas e como isto influenciou na configuração do ser social mulher negra. Mirla Cisne (2018) no artigo “Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais”, discorre sobre como o materialismo histórico dialético nos contempla com os aportes necessários para que sejamos capazes de compreender as contradições da realidade em que estamos inseridas em busca da emancipação humana, e que as questões de gênero – nomeadas por relações de sexo pela autora –, de raça e de classe são evidentemente urgentes para esta compreensão. Apesar de Cisne ter a concepção de que a unidade do povo está relacionada a classe e que por este motivo a luta emancipatória deve ter a análise classista como centralidade, ou que devemos assumir “a necessidade de um projeto coletivo classista e emancipatório” (CISNE, 2018), a autora reconhece que “[...] as relações sociais de sexo, raça e classe são antagônicas e estruturantes porque determinam materialmente a exploração do trabalho, por meio da divisão de classe e da divisão sexual e racial do trabalho.”

Nesta lógica, entendemos que há um desafio para a compreensão da realidade e, especificamente ao que propomos, da divisão do trabalho. Além de social e sexual, ela também é racial, e geralmente se expressa **interseccionando** todos estes âmbitos de reprodução da vida. Sendo assim, nomearemos a divisão do trabalho, a qual buscamos analisar, de **divisão interseccional do trabalho**.

3.2 POR QUE A INTERSECCIONALIDADE?

A interseccionalidade é um termo recente que foi introduzido ao debate institucional e epistemológico em meados nos anos 1990, nos Estados Unidos, por Kimberlé Crenshaw. Kimberlé é advogada, professora, estudiosa de leis antirracistas, feminista e antirracista, destacou-se por suas abordagens referentes à raça, gênero e classe, e, um caso em particular que presenciou como advogada, a fez repensar sobre a estrutura de opressões em que vivemos, inserindo ao debate o termo “interseccionalidade”.

O caso era da trabalhadora afro-americana Emma DeGraffenreid, a qual acusava a empresa General Motors por discriminação racial e de gênero por recusar contratá-la. Crenshaw discorre sobre o caso de Emma no artigo publicado em 1994 intitulado “Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color”, livremente traduzido para “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor”. O principal questionamento referente ao caso de Emma vem a tona quanto o juiz responsável dá um parecer negativo frente à denúncia, alegando que a empresa tinha empregados negros e mulheres. De fato, havia trabalhadores negros e trabalhadoras mulheres, mas não trabalhadoras mulheres e negras, e esta era a situação que Emma denunciava e que para a justiça era um problema invisível.

Numa conferência fomentada pela plataforma TED¹³, em 2016, na qual Kimberlé brilhantemente conta como o caso de Emma foi fundamental para pensar a urgência da interseccionalidade, a pesquisadora fala sobre a dificuldade de enfrentar algo que não se denomina, e, que neste caso, Emma enfrentava um problema de enquadramento já que a justiça norte-americana além de não assumir nenhum tipo de discriminação jogava-a para fora de qualquer análise, apagando-a.

Esse foi o motivo principal de trazer a interseccionalidade para o debate por Crenshaw, o objetivo era pensar em como construir uma outra narrativa que respondesse à essa violência que Emma estava enfrentando, os problemas raciais e sexistas com muita frequência foram e são percebidos dentro da sociedade em que vivemos, mas agora – tomando como exemplo o caso de Emma – a

¹³TED - *Ideas worth spreading* é uma plataforma sem fins lucrativos e partidários que fomenta a publicação, debate e disseminação de *ideias que valem a pena de serem espalhadas*. <www.ted.com>

trabalhadora precisaria ser representada por algo que legitimasse sua discriminação. É nesta perspectiva que Kimberlé Crenshaw insere a interseccionalidade para o meio institucional, o uso do termo é justamente uma alusão à uma intersecção, onde, no exemplo da autora, podemos pensar numa estrutura de duas grandes avenidas que se cruzam, a organização da força de trabalho pautada em gênero e raça seriam essas avenidas, e os carros que passam por elas estariam representados pelas políticas de contratação. Emma, por ser mulher e afro-americana, estaria posicionada exatamente na intersecção dessas duas avenidas, onde elas se cruzam, e seria “acidentada” pelo tráfego justamente nessa posição, a lei estaria representada pela ambulância que presta socorro somente em uma das vias, não tendo protocolo para um “acidente” que tenha acontecido justamente no cruzamento. No “Documento Para O Encontro De Especialistas Em Aspectos Da Discriminação Racial Relativos Ao Gênero”, publicado em 2002, Kimberlé explica a analogia da seguinte forma:

“Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, freqüentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas freqüentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por conseqüência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras situações os danos resultam de colisões simultâneas. Esses são os contextos em que os

danos interseccionais ocorrem – as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento. (CRENSHAW, p. 177, 2002)

Neste documento, Crenshaw discorre sobre as formas de opressões interseccionais e como elas podem ser explicitadas na vida cotidiana, apresentando exemplos ocorridos na vida de diversas mulheres marginalizadas. Em um deles a pesquisadora comenta sobre as relações de trabalho pautadas nesta estrutura:

“[...] No emprego, na educação e em outras esferas, há mulheres sujeitas a discriminações e outras opressões, especificamente por não serem homens e por não serem membros dos grupos étnicos e raciais dominantes na sociedade. Sem dúvida, isto se trata de discriminação composta: com base na raça, elas são excluídas de empregos designados como femininos, sendo também excluídas de empregos reservados aos homens com base no gênero. De fato, elas são especificamente excluídas como mulheres étnicas ou de minorias porque não há ocupações para as candidatas com tal perfil étnico-racial e de gênero. Por exemplo, em alguns mercados de trabalho, especialmente aqueles segregados por gênero e raça, as mulheres racializadas podem se confrontar com a discriminação composta, onde, como regra, as mulheres sejam contratadas para funções de escritório ou posições que envolvem interação com o público, enquanto que as minorias étnicas ou raciais sejam empregadas no trabalho industrial ou em alguma outra forma de trabalho segregado por gênero. Nesses casos, mulheres racializadas enfrentam discriminação porque os empregos femininos não são apropriados para elas e o trabalho designado para homens racializados é definido como inapropriado para mulheres.” (CRENSHAW, p.179, 2002)

Apesar do exemplo específico para o caso de machismo e racismo sofrido por Emma, a intersecção de discriminações pode estar presente em muitos outros casos, com outros povos marginalizados ao redor do mundo, como em situações de: homofobia, xenofobia, heterossexismo, transfobia, racismo, capacitismo, etc. É importante lembrar que, justamente por tratar-se de uma intersecção, os problemas enfrentados não apagam um ao outro, anulam-se ou

hierarquizam-se, mas, se agravam quando acumulados. Saffioti em “O Poder do Macho”, de 1992, apesar de não utilizar o termo ‘interseccionalidade’ denomina a superestrutura que desencadeia essas relações de opressão como **patriarcado-racismo-capitalismo**, a qual a autora explica da seguinte forma:

“Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação-exploração, acima analisados separadamente. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas. Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado **patriarcado-racismo-capitalismo**.” (SAFIOTTI, p.60, 1992)¹⁴

Saffioti enfatiza a importância de não dissociar estes três elementos, mesmo que cada palavra tenha seu significado próprio, já nenhuma delas deve ter o papel de adjetivar uma a outra – como por exemplo dizer que há um patriarcado racista, ou um capitalismo patriarcal – mas sim de que todas juntas significam algo único e específico: a configuração de uma sociedade. A interseccionalidade age da mesma forma, não há sobreposição ou hierarquia. Mirla Cisne (2018) nos contempla com a análise de como o materialismo histórico dialético age como uma ferramenta essencial para a compreensão da realidade, muito além de uma regra ou lei de interpretação, o método busca ser uma perspectiva de análise onde a partir de um movimento dialético tentamos compreender a realidade, não somente pelas suas formas e aparências, mas também pela sua essência, particularidade e singularidade, e, justamente por partir deste princípio que pensa a partir da existência e da concretude, ele [método] dialoga diretamente com a perspectiva interseccional. Nas palavras de Marilda Iamamoto em “A Questão Social no Capitalismo” (2000) seria compreender que:

¹⁴É importante notar que existe um embate teórico sobre o emprego dos termos ‘interseccionalidade’ e ‘consustancialidade’. Dado o escopo deste trabalho, não nos aprofundamos neste embate, podendo esta questão ser incorporada em nossos esforços de pesquisa futuros. Ressaltamos, contudo, sua existência.

“Apreender essas novas mediações é condição mesmo de assegurar a fidelidade ao método de Marx - em sua radical historicidade -, desafiando os pesquisadores a decifram os processos sociais reais. Requer um embate contra a vulgata marxista - que informa grande parte da crítica a essa tradição intelectual - ao congelar as categorias analíticas na busca inglória de sua “aplicação” à realidade, no lugar de concebê-las como resultado necessário de um movimento da razão crítica na apreensão do processo histórico na sua multidimensionalidade, reelaborando-o na esfera do pensamento mediante o recurso da abstração, de modo a traduzi-lo enquanto concreto pensado, imprimindo inteligibilidade” (IAMAMOTO, 2000, p. 21)

Corresponder à nossa historicidade é compreender que como povo latino-americano, colonizado, escravizado, construído sob uma segregação racial, social e de gênero, e com características que esses princípios desdobram, consolidamos uma forma de sociedade diretamente correspondida à essas características, e:

“[...] somente intervindo coletivamente para a superação dessas relações antagônicas é que podemos nos afinar em torno de um outro projeto societário emancipatório, com o qual podem ser criadas as possibilidades de sermos radicalmente livres” (CISNE, 2018).

Pensando novamente no caso de Emma, ela como mulher e trabalhadora negra enfrenta uma intensidade de discriminações diferente de uma mulher trabalhadora branca. E, para que consigamos entender o cerne da estrutura dessas opressões, é necessário que elas sejam nomeadas, enfrentadas e assumidas. Assim como Crenshaw denominou a situação vivida por Emma na esfera do trabalho como uma discriminação de cunho interseccional, nós denominaremos a estrutura que está sujeita a divisão do trabalho na sociedade a qual vivemos, e que tivemos alguns exemplos na análise feita até aqui. Mulheres negras são designadas à cumprirem um papel específico nesta divisão, papel este que se repete e torna regra: serviços domésticos, ocupações com menores salários, empregos precarizados e informais, e sempre levando a estigma de representar a fragilidade e

incompetência de ser mulher e ao mesmo tempo a não dignidade de ser tratada como uma mulher comum pelo tom escuro de sua pele.

Pensar a interseccionalidade não trata-se apenas de teorizá-la, a melhor maneira de compreendê-la é aplicando-a e percebendo-a. Crenshaw pontua significativamente este aspecto quando elenca a necessidade de se criar novas metodologias de análises que contemplem a subordinação interseccional, ela cita uma proposta feita pela feminista Mari Matsuda que consiste em fazer novas perguntas de problematização, já que:

“[...] muitas vezes uma condição pode ser identificada, por exemplo, como produto óbvio do racismo, porém, mais poderia ser revelado se, como rotina, fossem colocadas as seguintes perguntas: ‘Onde está o sexismo nisso? Qual a sua dimensão de classe? Onde está o heterossexismo?’. E a fim de ampliar ainda mais tais questionamentos, poder-se-ia perguntar: ‘De que forma esse problema é matizado pelo regionalismo? Pelas consequências históricas do colonialismo?’. (CRENSHAW, p. 183, 2002).

Pensando neste viés, é inevitável não abordarmos a contribuição do trabalho de Angela Davis para o pensamento interseccional, apesar de nesta pesquisa focarmos na análise de Davis no livro *Mulheres, Raça e Classe*, de 1981, não há uma discussão da autora que não esteja baseada nestes questionamentos observados na passagem de Crenshaw. Davis traz nesta publicação um discurso muito conhecido no debate feminista e, na época, antiescravista, da ex-escrava Sojourner Truth, proferido numa convenção de mulheres em Ohio no ano de 1851. O debate que pairava nesta época centrava-se na completa indiferença e falta de sensibilidade das feministas brancas e ricas em relação às questões das mulheres negras e trabalhadoras, nesta época apenas o norte dos Estados Unidos tinha decretado a abolição da escravatura e pautava-se incessantemente a liberdade dos demais escravos e inserção do povo liberto à sociedade estadunidense, o boicote a estes temas era explícito, chegando ao ponto de barrarem opiniões de mulheres negras em encontros. No ápice deste cenário, num debate sobre o sufrágio feminino na convenção de mulheres de Akro/Ohio, Sojourner não aguenta calada às:

“[...] zombarias disruptivas promovidas por homens hostis ao evento [...] O líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem” (DAVIS, 1981, p. 70 e 71).

Truth, observando com “simplicidade persuasiva” nas palavras de Davis, profere então um forte discurso como resposta. A passagem presente no livro não corresponde ao discurso completo, mas me atrevo a colocá-lo na íntegra neste trabalho, pois as palavras de Sojourner nunca merecerão esquecimento, e sempre representarão grande parte da realidade da mulher negra na sociedade:

“Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho. Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! Eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. Eu não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! Eu não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! Eu não sou uma mulher? Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra: “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão

exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.” (STANTON, Anthony, p. 116-7, 1881, Apud DAVIS, p. 71, 1981)

Sojourner Truth nasceu escrava e na época deste discurso já era uma cidadã livre perante a lei, seu nome de nascença foi registrado como Isabella Van Wagenen, porém em 1843 ela mudou seu nome que na tradução do inglês significa *Peregrina da Verdade*. Truth era a única negra presente neste congresso, e foi a única mulher que teve coragem de levantar-se e responder às provocações proferidas pelos homens presentes, provocações estas que nem sequer tiveram o objetivo de chegar a incomodar mulheres como Sojourner, já que uma ex-escrava não era considerada uma mulher comum. Afinal, por quê Sojourner Truth não era mulher de verdade? Ou, pensando na metodologia que insere Crenshaw, *de que forma esse problema é matizado pelas conseqüências históricas do colonialismo?* Em minha análise, a relação parece óbvia, e entenderemos o porquê.

3.3 A OCUPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA HISTÓRIA: A HERANÇA ESCRAVOCRATA

A escolha por analisar a organização do trabalho pela ótica da interseccionalidade não é por acaso. Nos casos que presenciamos acima existe uma discriminação motivada pelo gênero e raça tanto em relação à Emma quanto em relação à Sojourner. Mas, por que isso acontece? Apesar do breve relato referente às figuras femininas nas sociedades primitivas na primeira parte deste capítulo, já é possível de analisarmos o quão diferente a realidade das mulheres negras é comparada às mulheres não-brancas e “mães de família” que citamos. O principal elo que quebra a lógica de mulher do lar e frágil é a escravização, em hipótese alguma é possível que tenhamos uma análise racial fiel à realidade que não leve em consideração este período.

Angela Davis (1981) faz um excelente trabalho ao trazer para o debate a realidade enfrentada pelas mulheres negras e pobres estadunidenses desde o cenário da escravização até meados do fim do século XX, quando o livro é lançado. Davis escancara o sexismo, misoginia e racismo presentes na vida dessas mulheres e traz relatos fundamentais para que seja possível compreender como a sociedade se estrutura nessas discriminações até a contemporaneidade. O primeiro capítulo da obra, o qual retrata o legado da escravização na vida das mulheres escravizadas, já é suficiente para ter um parâmetro do quão à esquerda do zero as mulheres pretas eram simbolizadas e materializadas na época, e ele será a base de nossa análise para esta seção deste trabalho.

Logo no início de seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, Angela Davis (1981) discorre sobre a falta de literatura que fale da mulher escrava de forma condizente à realidade, ou ao menos que as retratem, a “promiscuidade sexual” e “inclinações matriarcais” são as narrativas hegemônicas ao tratar da mulher negra escravizada. Este caso não é diferente da situação latino-americana, e, especificamente a que propomos trabalhar, brasileira. É incomum nos depararmos com estudos sobre a mulher negra escrava, e o que geralmente encontram-se corresponde aos moldes das narrativas criticadas por Davis. Deste modo, optamos por usar a obra “Mulheres, Raça e Classe” como referência para retratar a figura da mulher negra na escravidão pela semelhança da estruturação do trabalho escravo na América do Norte e do Sul, mas, principalmente, pela análise proposta por Davis conter o teor crítico que é fundamental para o entendimento deste trabalho, que são os múltiplos papéis designados à mulher escrava para o desempenho de suas funções e ao mesmo tempo a negação de todos eles ao se tratar da mulher negra como um ser social e humano.

O papel da mulher escrava em seu contexto gira muito em torno do exercício de seu trabalho. As mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que as mulheres brancas, e, como escravas, elas tinham toda sua existência ofuscada pelo trabalho compulsório. Justamente por isso o ponto de partida de qualquer exploração da vida dessas mulheres vem da análise de seus papéis como trabalhadoras. As mulheres escravas eram encaradas como pessoas sem gênero, apenas trabalhadoras como qualquer homem negro, que

eventualmente serviam de esposa, mãe e dona de casa. Enquanto as mulheres brancas se encaixavam numa crescente definição de feminilidade, que delimitava o papel da mulher como mãe protetora, parceira e dona de casa amável para seu marido, as mulheres negras eram enxergadas como anomalias, contrapondo essa definição. Além dessa “conveniência” na transição de opressões, as mulheres escravas também sofriam de forma específica ao serem vítimas de abusos sexuais e maus-tratos. Quando era lucrativo e necessário as exploravam como homens ou como desprovidas de gênero, mas quando o senhor queria reprimi-las e violentá-las, as reduziam ao papel de fêmea frágil. Davis afirma que “.. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras” (1981, p.20).

As crianças nascidas de mulheres escravas eram contabilizadas igualmente como força de trabalho, até desmamarem as crianças acompanhavam a rotina da mãe, deitadas no chão próximas à área de trabalho ou eram deixadas aos cuidados de crianças pequenas ou de escravas mais velhas que já estavam impossibilitadas de trabalhar. Muitas das gestações eram fruto de uma obrigação reprodutiva que os senhores obrigavam as escravas a enfrentarem, garantindo mais força de trabalho na produção, muitas dessas mulheres eram designadas apenas para parirem, chegando a terem dez, doze filhos cada.

Sueli Carneiro em “Enegrecer o Feminismo”, publicado em 2001, corrobora com esta análise ao discorrer sobre a violência e dominação exercidas no contexto da colonização, pois “[...] a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. (CARNEIRO, 2001). Sueli Carneiro denomina esta violação de *estupro colonial* e pontua que o produto dessa miscigenação forçada vai configurar uma identidade nacional brasileira pautada numa falsa democracia racial, ou como é comumente chamado, o *mito da democracia racial*, este termo é muito conhecido pelas palavras de Florestan Fernandes, mas, também está presente nos debates de Lélia Gonzales que esmiuça o significado desta falsa democracia para o século XXI, principalmente para a mulher negra, e é nesta mesma lógica que Carneiro leva seu raciocínio, falaremos melhor de Fernandes e Gonzáles mais abaixo. Esta concepção é fundamental para compreender como o negro, e especificamente a negra,

supostamente libertos da escravidão, não são (re)inseridos na sociedade – e quando acontece é de forma capenga – e não há preocupação nenhuma de lidar com este problema.

O fato de a mulher escrava ser designada à gerar muitos filhos não significava que desempenharia um papel de mãe, ela apenas cumpria uma função reprodutora, a exaltação ideológica da maternidade era restrita apenas às mulheres brancas. Como eram designadas apenas para a gestação de mais escravos, as crianças nascidas dessas mulheres poderiam ser comercializadas normalmente como propriedades. As mulheres escravas grávidas trabalhavam normalmente em suas funções, sendo cobradas e castigadas como todas as outras mulheres e homens, um dos relatos presentes no capítulo de Davis diz o seguinte:

“Uma mulher que diga algum desaforo enquanto trabalha no campo e que esteja em gravidez avançada é obrigada a deitar em um buraco feito para que caiba todo seu corpo e é açoitada com um chicote ou espancada com uma pá cheia de furos; a cada pancada se forma uma bolha. Uma das minhas irmãs foi punida dessa forma com tanta crueldade que o trabalho de parto se adiantou, e a criança nasceu no campo. Esse mesmo feitor, sr. Brooks, matou uma garota chamada Mary desse jeito. O pai e a mãe dela estavam na lavoura na hora” (DAVIS, p. 22, 1981 Apud GRANDY, p. 18, 1844)

As escravas mulheres eram consideradas muito mais lucrativas que os trabalhadores do sexo masculino, segundo cálculos realizados por John Ewing Calhoun, um têxtil da Carolina do Sul. O preço para se manter a força de trabalho de mulheres e crianças era muito menor que o de homens e isso era comumente usado pelos senhores para aumentar a produtividade e diminuir os custos de produção. Davis afirma que por serem tão igualadas fisicamente aos homens como trabalhadoras e ao mesmo tempo serem exploradas de todas as formas que observamos pela condição de ser mulher, estas mulheres escravas sofriam uma intervenção gigantesca em suas características como seres-humanos.

“Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão ‘masculino’ quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX”. (DAVIS, p. 23 e 24, 1981)

Neste contexto, com o advento de uma grande industrialização pré-Guerra Civil, há uma obsolescência de pequenas tarefas manuais nas fábricas têxteis, o ideário de mãe, cuidadora e do lar volta com força ceifando os ideários de ocupar o mercado de trabalho das mulheres brancas, a “[...] clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca” (DAVIS, 1981). Ao mesmo tempo, essa narrativa era completamente negada às mulheres negras escravas, isso não fazia parte da realidade a qual elas estavam inseridas dentro de seus afazeres. Este ideário também traz consequência para organização das famílias no interior da comunidade escrava, a lógica não tinha nenhuma relação com este pensamento vigente na época, o trabalho doméstico e afazeres da comunidade eram de extrema importância para organização da vida. A mulher era vista como responsável pela manutenção da casa, e isso certamente incluía os afazeres domésticos, porém, em contrapartida, seu companheiro era seu ajudante e parceiro sexual, atuando geralmente como propriedade da mulher.

Davis relata como as relações das pessoas pretas escravas foram afetadas, companheiros foram separados, assim como com as mães e filhos e avós e netos, houve uma grande ruptura na vivência dessas pessoas como seres que se relacionam e constroem famílias e comunidades, bem como territórios. É interessante, apesar desta incalculável violência, observar como Davis descrevia a relação presente entre marido negro e mulher negra, há uma grande concepção de companheirismo e divisão de tarefas, e em nenhum momento isso interpreta-se como sobreposição de forças e poderes. Em uma passagem Davis afirma:

“A questão que se destacava na vida doméstica nas senzalas é a da igualdade sexual. O trabalho que escravas e escravos realizavam para si

mesmos, e não para o engrandecimento de seus senhores, era cumprido em termos de igualdade. Nos limites da vida familiar e comunitária, portanto, a população negra conseguia realizar um feito impressionante, transformando a igualdade negativa que emanava da opressão sofrida como escravas e escravos em uma qualidade positiva: *o igualitarismo característico de suas relações sociais.*” (DAVIS, p.30, 1981)

Desta forma, podemos ter a concepção de como esta relação imposta de exploração, apropriação e roubo do trabalho, que conforme observamos aqui foi instaurada unicamente por uma dominação de um povo por outro, em nome da superioridade de raça, ocasionou-se conseqüentemente uma violação de identidade, de papéis sociais, e no que é principal para a nossa análise, a violação de corpos e mentes de mulheres escravas negras, corroborado e legitimado por esta estrutura de divisão do trabalho. É comum presenciarmos o questionamento, e garanto que o leitor já tenha presenciado, de que os brancos ou não-negros existentes no mundo de agora de nada tem a ver com este sistema de escravidão, ou que este momento já teria ficado no passado e não há porque discutir mais sobre ele nem usá-lo como justificativa para os problemas de agora. De fato, os senhores e sinhás de ontem não existem hoje, muito menos o modo de produção escravocrata é o modo de produção **hegemônico** – sim, existem notícias de grandes empresas acusadas de explorarem trabalho escravo na contemporaneidade¹⁵ – mas, você já pensou em como deu-se o processo de libertação e reinserção dos corpos negros na sociedade? Ou então se ainda há a persistência da existência de uma divisão sexual, social e racial do trabalho? Os poucos mais de 300 anos de escravidão que rondaram a América Latina¹⁶ deixaram marcas explícitas até depois de seu fim,

¹⁵“Ministério divulga 'lista suja' do trabalho escravo - Época NEGÓCIOS ...” 24 mar. 2017, <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/03/epoca-negocios-ministerio-divulga-lista-suja-d-o-trabalho-escravo.html>.

Conheça 9 marcas famosas envolvidas com trabalho escravo.” 18 out. 2017, <http://www.esquerdadiario.com.br/Conheca-9-marcas-famosas-envolvidas-com-trabalho-escravo>. Acessado em 28 nov. 2018.

¹⁶O Brasil foi o último país do mundo a decretar a abolição com a “Lei Áurea” em 1888, enquanto a maioria dos países latino-americanos decretaram entre 1850 e 1860, os Estados Unidos tiveram o primeiro processo de abolição em 1787 com os estados do norte, e em 1865 após a Guerra da Secessão todos os estados tiveram a escravatura abolida. Enquanto ocorria o discurso de Sojourner em 1851 em defesa da existência das mulheres negras, aqui na América Latina continuávamos escravizadas, e no caso brasileiro muito longe de sermos libertas.

analisaremos agora alguns destes impactos e como eles são perpetuados até os dias atuais.

3.4 O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Florestan Fernandes no livro “Integração do Negro na Sociedade de Classes”, publicado em 1964, faz um apontamento que é um ótimo ponto de partida para analisarmos o que de fato significaram as abolições para as relações sociais existentes. Os princípios de religião, humanidade, bondade e igualdade entre os seres-humanos nunca foram barreiras para causar algum tipo de estranhamento à este vínculo de dominação e de superioridade que legitimaram o comportamento de exploração das mulheres e homens negros por parte dos homens e mulheres brancas, logo, pensar que a instauração de uma lei barraria esta estrutura existente a mais de 300 anos seria algo ingênuo de se acreditar. O fim da escravização decretado por lei em nada desconstrói a percepção de raça superior que os europeus tinham em relação ao povo negro.

Nas pontuações que observamos até aqui tivemos a explícita concepção de que as relações concebidas pela mulher negra escrava e o senhor homem branco eram desumanas, não bastasse o desempenho do papel de mucama que permitia à

“[...] mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhas, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor” (HAHNER, P.120, 1978).

"Dadas da abolição da escravidão nos países americanos - Geledés." 8 jan. 2015, <https://www.geledes.org.br/dadas-da-abolicao-da-escravidao-nos-paises-americanos/>. Acessado em 28 nov. 2018.

Ainda sobrava para as mulheres negras o papel de parideira – para a reprodução da “mercadoria” escravo –, objeto sexual e força de trabalho como qualquer outro homem negro. Então, se no fim das contas a lógica de dominância ainda segue perpetuada, como essa percepção do que é a mulher negra e para o que ela serve mudaria?

No discurso de Sojourner observamos um exemplo que corresponde diretamente a esta análise, ela era ex-escrava, supostamente uma mulher livre, e mesmo num encontro de mulheres teve que impor sua fala para afirmar que continuava tendo sua existência negada tanto por ser mulher quanto por ser negra, mesmo num território livre da escravatura.

Não são muito diferentes as formas que desencadeiam as abolições na América Latina, no caso brasileiro ainda há um agravante que é a postergação até o último momento possível da abolição, ocorrida em 1888, enquanto, por exemplo, Peru e Paraguai decretaram em 1855 e 1842, respectivamente. Florestan (1964) relata detalhadamente em seu livro os desencadeamentos da Lei Áurea no Brasil, retratando sobre como foi para a comunidade negra recém liberta encarar agora o mercado de trabalho como trabalhadores livres. É importante lembrar que o processo de estabelecer legalmente o fim da escravização não foi uma conscientização social que pairou sobre as mentes racistas, mas sim um acumulado de contradições que consistiam desde à pressão mundial enfrentada pelo Brasil para acabar com a escravização de vez – já que era o último país a mantê-la – a emergência dos ideais abolicionistas junto às fugas e insurreições do povo escravizado, em uma matéria publicada pelo jornal “Brasil de Fato” intitulada “130 anos de uma abolição inacabada”, a militante do movimento negro Katiara Oliveira argumenta que:

“[...] a abolição não se deu por uma simples assinatura. As revoltas e rebeliões, como tacar fogo no canavial, fuga para quilombos, suicídio, infanticídio, envenenamento dos senhores de engenho, causaram prejuízo

para os senhores do engenho. Existiram várias formas de enfrentar o poder do senhor".¹⁷¹⁸

A partir da consolidação da Lei, então, temos um contingente de população negra agora disponível como força de trabalho que procura urgentemente por uma ocupação para sua sobrevivência, em contrapartida não há nenhuma política de absorção e integração dessas pessoas ao mercado de trabalho, e muito menos para inserção na sociedade como um cidadão comum. Veja bem, há séculos este povo preto tinha suas vidas consideradas marginais à existência humana, ou simplesmente inexistentes, eles nunca foram parte da sociedade, como seriam agora sem que os culpados por esta segregação assumissem a necessidade para tal?

Neste momento o capitalismo colonial brasileiro não enfrenta seu melhor período, a Coroa já passa por um processo de crise imperialista e busca alternativas, é neste contexto que segundo João Pedro Stedile no seu artigo "Questão Agrária no Brasil" (2005) afirma que:

"A saída encontrada pelas elites para substituir a mão-de-obra escrava foi realizar uma intensa propaganda na Europa, em especial na Itália, na Alemanha e na Espanha, para atrair os camponeses pobres excluídos pelo avanço do capitalismo industrial no final do século 19 na Europa. E, assim, com a promessa do "eldorado", com terra fértil e barata, a Coroa atraiu para o Brasil, no período de 1875-1914, mais de 1,6 milhão de camponeses pobres da Europa" (STEDILE, p.08, 2005).

¹⁷"130 anos de uma abolição inacabada - Brasil de Fato." 3 ago. 2018, <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/13/130-anos-de-uma-abolicao-inacabada/>. Acessado em 30 nov. 2018.

¹⁸No Brasil, temos Dandara e Zumbi dos Palmares que são duas figuras muito conhecidas por lutarem pela libertação de seu povo da escravização, os dois tomavam conta de um dos Quilombos que abrigavam escravos fugidos - o dos Palmares - e ajudavam na fuga dos que ainda estavam presos. Muito se ouve na história sobre Zumbi, livros, mídia, instituições, mas pouco se fala sobre Dandara, que era uma figura tão forte e marcante quanto o companheiro. Ambas memórias seguem na resistência do povo negro para não serem esquecidas. "E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi? - Geledés." 8 nov. 2014, <https://www.geledes.org.br/e-dandara-dos-palmares-voce-sabe-quem-foi/>. Acessado em 30 nov. 2018.

A supremacia racial europeia não quer dar seu braço a torcer e contratar pretas e pretos em regime assalariado, tratando-os como seres-humanos que estão firmando um contrato, é preferível trazer europeus pobres que merecem mais tratamento digno. As mulheres e homens negras então encontram-se numa situação em que não têm emprego, moradia e mais uma vez são externos à vivência comum.

Florestan (1964) descreve esta questão da seguinte forma:

“Primeiro, generalizou um estado de espírito farisaico [hipócrito], que permitia atribuir à incapacidade de ou à irresponsabilidade do ‘negro’ os dramas humanos da ‘população de cor’ da cidade, com o que eles atestavam como índices insofismáveis [indiscutíveis] de desigualdade econômica, social e política na ordenação das relações raciais. Segundo, isentou o ‘branco’ de qualquer obrigação, responsabilidade ou solidariedade morais, de alcance social e de natureza coletiva, perante os defeitos sociopáticos da espoliação abolicionista [...]. Terceiro, revitalizou a técnica de focalizar e avaliar as relações entre ‘negros’ e ‘brancos’ através de exterioridades ou aparências dos ajustamentos raciais, forjando uma consciência falsa da realidade racial brasileira, [e, esta lógica corrobora com as convicções eurocêntricas de que:] [...] 1º – a ideia de que ‘o negro não tem problemas no Brasil’; 2º – a ideia de que, pela própria índole do povo brasileiro, ‘não existem distinções raciais entre nós’; 3º – a ideia de que as oportunidades de acumulação de riqueza, de prestígio social e de poder foram indistinta e igualmente acessíveis a todos; 4º – a ideia de que ‘o preto está satisfeito’ com sua condição social e estilo de vida e 5º – a ideia de que não existe, nunca existiu, nem existirá outro problema de justiça social com referência ao ‘negro’ excetuando-se o que foi resolvido pela revogação do estatuto servil” (FERNANDES, p. 311 e 312, 1964).

Esta seria a base da configuração do *mito da democracia racial*.

E como ficam as mulheres pretas? Lélia Gonzales no artigo “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, publicado em 1984, nos questiona da seguinte forma: “*Cum é que a gente fica?*” Como a consolidação deste mito da democracia racial situa a mulher negra em determinados papéis que perduram até a contemporaneidade?

Para a autora, o racismo sintomático que enfrentamos desde a escravidão emerge uma concepção de mulher negra baseada em: mulata, doméstica e mãe preta, e, o ponto de partida para entender este discernimento é interpretar como o racismo funciona velado e outorgado, permitindo as mais violentas determinações do que significa ser preto e preta. Até porque:

“ [...] ele [preto] tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados” (GONZALES, p.225 e 226, 1984)

Gonzales (1984) trabalha com a dialética existente entre consciência e memória, onde a consciência age como um lugar de desconhecimento e alienação, já que ela sempre estará pautada por um discurso hegemônico vigente, já a memória corresponde ao não-saber que conhece, é a restituição da história que não foi escrita mas aconteceu, o fato que não foi contabilizado. A consciência apaga o que a memória tenta resgatar, ou, trazendo para a nossa pauta, apaga a nossa história como povo dominado, violentado e explorado. Dessa forma, é muito fácil esquecer de anos de escravização e seus resquícios e reproduzir comportamentos que corroboram com a violência à população negra, mas, que a consciência permite acontecer.

O exemplo que Gonzales (1984) nos traz – e que poderíamos interpretar como uma encenação do *mito* – é a representação da mulher negra no carnaval. Por um momento a democracia racial existe quanto ela é exaltada e elogiada por representar a figura do carnaval e/ou por fazer parte dele.

“É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do

asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (GONZALES, p.228, 1984).

Mas, como todo mito, há algo que é ocultado em sua execução,

“Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica (GONZALES, p.228, 1984).

Já que esses são os únicos espaços aceitáveis para uma preta.

Ao utilizar o termo mucama Lelia nos explica como ele acabou sendo ressignificado para corresponder à junção dos papéis que eram impostos a escrava preta, neste caso mais ligado ao apelo sexual. A mucama desempenhava na casa os serviços domésticos que lhe cabia e ainda era alvo de violações sexuais por parte do senhor, que muitas vezes constituíam em relações 'consolidadas', mesmo que contra a vontade da mulher escrava. Aqui conseguimos observar a dicotomia que carrega a função mucama, se não é representada pela sexualização da mulher negra no cenário carnavalesco – ou quando não – é pela função doméstica. Nas palavras de Gonzales (1984):

“Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”)” (GONZALES, p.230, 1984).

Pensando nesta dialética há uma forma que podemos tentar analisar as configurações da divisão interseccional do trabalho na realidade de hoje, como por exemplo pelas estatísticas do mercado de trabalho. De acordo com o “Retrato

das Desigualdades de Gênero e Raça” (2017) fazemos parte de um país com 204 milhões de habitantes e nossa População Economicamente Ativa (PEA) corresponde à pouco mais de 103 milhões de pessoas, ela delimita o contingente de indivíduos ocupados e desocupados que estão a procura de emprego, ou seja, que estão inseridos no mercado de trabalho. Dentre estas pessoas 33.296 estão com carteira assinada, isso quer dizer que mais da metade da população não tem vínculo empregatício formal, desta forma, é equivocado que interpretamos todo âmbito das relações de trabalhos por dados que não contabilizam grande parte da população, já que pelo histórico que observamos até aqui a regra é que as mulheres negras ocupem postos precários e não-institucionalizados. A população negra feminina tem crescido sua participação no número de habitantes ocupados, em contrapartida correspondem a cerca de 4 milhões de mulheres que exercem o trabalho doméstico remunerado num total de aproximadamente 5,7 milhões, uma média de 90%. SANTOS [et.al] no artigo intitulado “Desigualdade de Gênero: A Mulher Negra no Mercado de Trabalho” (2017), é afirmado que:

“Segundo o Instituto de pesquisa econômica aplicada - IPEA (2014) junto com Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) os homens, continuam ganhando mais do que as mulheres (em média, R\$ 1.831, contra R\$ 1.288, em 2014), e os homens brancos ganham ainda mais (R\$ 2.393, em 2014). As mulheres negras seguem na base, com renda de R\$ 946 no mesmo ano. Além do trabalho doméstico continuar sendo um dos líderes entre os postos ocupados por mulheres, concentrando 14% da população feminina, ou 5,9 milhões. Essa contradição se agrava quando vemos inclusive em relação à raça, uma vez que as mulheres negras são maioria entre as trabalhadoras domésticas: 17,7%, contra 10% das brancas” (SANTOS, QUEIROZ, DA LUZ, OLIVEIRA, 2017).

Mesmo não fazendo parte do cotidiano dos espaços institucionais a mulher negra lidera nas pesquisas de desemprego, desigualdade de renda, violência, e etc, e isto é um fato. Não olhar e assumir essa grande aberração que é a desigualdade de gênero, racial e de classe na sociedade em que vivemos é tapar o olho pro mundo real, neste momento não há como não recorrer à análise de Crenshaw quando diz que é necessário refazer as perguntas para compreender

nossa realidade. *De que forma esse problema é matizado pelas conseqüências históricas do colonialismo?* De que forma essas mulheres enfrentam uma estrutura que continua delimitada no ideário de supremacia racial e de negação de suas existências? Como Lélia Gonzales nos explicita:

“Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país)” (GONZALES, p. 231, 1984).

E são com essas mulheres que vamos olhar, no seguinte capítulo, os mecanismos cotidianos da divisão interseccional do trabalho, mascarada pelo mito da democracia racial e pelo mito da possível implementação da igualdade de gênero, e mantidos através de outro mito: o de conquista individual da liberdade cívica e do sucesso econômico.

4 AS CONDIÇÕES DE REPRODUÇÃO DA VIDA DE MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

Este capítulo tem o objetivo de trazer trajetórias de mulheres negras reais que vivem na pele os desdobramentos de serem quem são na sociedade em que vivemos. Num exercício de abordar as teorias tratadas nos capítulos anteriores, nesta seção do trabalho procuraremos demonstrar como as contradições que observamos até aqui se expressam na vida cotidiana, nomeando algumas dessas mulheres e trazendo-as como protagonistas de suas histórias. O objetivo deste método de análise não é fazer com que o acadêmico e teórico adegue-se à realidade, ou que ele seja plasmado nela, mas sim – por meio de uma contínua abstração – fazer com que nossas análises dentro do meio da produção teórica seja capaz de mostrar a realidade como ela é.

4.1 METODOLOGIA ABORDADA

O capítulo traz em seu conteúdo duas seções de análise, a primeira trata-se de uma entrevista etnográfica não diretiva, este conceito é trabalhado por Rosana Guber no livro "La etnografía, método, campo y reflexividad" (2001). A autora destaca que este método age como uma desconstrução e ao mesmo tempo construção do entrevistador, geralmente é usada quando a pesquisadora tem o objetivo de mergulhar em seu objeto de análise, buscando entender estrutura por estrutura do que ele se propõe a estudar, não há uma delimitação específica do que objetiva-se saber, sendo até mesmo através da entrevista que a pesquisa toma um rumo de análise e de síntese. Neste sentido, há uma relação de confiança e

afetividade entre a entrevistadora e a sujeita entrevistada, e a fala desta pessoa corresponde a um aspecto fundamental para interpretação, já que parte de suas vivências e experimentações. Segundo Guber (2001) "La no directividad se basa en el supuesto de que aquello que pertenece al orden afectivo es más profundo, más significativo y más determinante de los comportamientos, que el comportamiento intelectualizado" e isso permite a obtenção de conceitos que "[...] permitan dar cuenta del modo en que los informantes conciben, viven y asignan contenido a un término o una situación; en esto reside, precisamente, la significatividad y confiabilidad de la información" (GUBER, 2001). Este foi o ponto de partida na determinação do caráter da entrevista realizada.

Juntamente à este método pensamos numa forma de guiar a entrevista para que a pessoa entrevistada pudesse ter uma linha de raciocínio para seguir. Este princípio de divisão em categorias tem o objetivo de agrupar conceitos, percepções, noções, sentimentos, lógicas de acontecimentos, etc, onde esse agrupamento ocorre "em razão das características comuns destes elementos" (BARDIN, 2011). Neste contexto, dividimos os momentos da entrevista em três partes: a infância da entrevistada; o momento em que houve a necessidade de exercer alguma ocupação para sobreviver e como ela encontra-se na atualidade, construindo um estudo de trajetória de vida.

Nossa sujeita entrevistada chama-se Rita de Cássia Machado dos Santos, de 50 anos. Mãe de quatro filhos, Rita é uma mulher negra, pobre, nascida em São Paulo e agora moradora de Foz do Iguaçu. A escolha dela como entrevistada deu-se por Rita representar a ênfase que buscamos trazer no decorrer deste trabalho, ela é a expressão real da interseccionalidade. Não escolhemos Rita pelos trabalhos que ela teve de executar em toda sua vida, buscamos trazer uma mulher negra, pobre e periférica para falar de sua vida integralmente, já que compreendemos o trabalho de forma ampliada e analisamos como a divisão interseccional do trabalho se expressa em sua vida cotidiana. Traremos a entrevista de modo mais integral possível, pois o objetivo desta análise é ser possível observar cada pequeno aspecto da vida cotidiana em que se encontra presente a divisão interseccional do trabalho. Na lógica de sociedade em que vivemos as relações de trabalho estão diretamente ligadas à produção e reprodução da vida, se não há

trabalho, não há sobrevivência, e por esse motivo ele é tão expressivo ao analisar as formas de relações dentro a população pobre, e no caso de nossa análise, das mulheres pretas e periféricas. Trazer uma entrevista que seja possível olhar profundamente todas as etapas da vida de Rita é fundamental para percebermos essas expressões, principalmente por serem naturalizadas.

4.2 “NÓS ALÉM DA COR NEGRA E SER POBRE, NÃO É DEFEITO” – A TRAJETÓRIA DE SER MULHER, NEGRA, POBRE E PERIFÉRICA NO CAPITALISMO DEPENDENTE

4.2.1 Rita de Cássia

"Meu nome é Rita de Cássia Machado dos Santos, sou de São Paulo e agora moro em Foz do Iguaçu. Minha vida começa assim, do que lembro da minha infância são muitas histórias que minha mãe conta, quando ela e meu pai se conheceram na Bahia, eles são baianos, e de 15 filhos eu fui a única que nasci em São Paulo [...]"

4.2.1.1 *"E aí desde essa idade que eu comecei a trabalhar não parei mais."*

"Com um ano morando lá [em São Paulo], meu pai veio a falecer, ele estava doente, foi internado e operou mas não resistiu. Acabou falecendo depois de 7 dias. Eu estava com 11 anos. [...] Aí aos 13 anos, dois anos depois que meu pai faleceu, a nossa vida começou a ficar muito difícil. O fato da minha mãe não trabalhar, eu e meu irmão ser de menor, e uma irmã minha que separou do marido veio morar com a gente e trouxe os meus sobrinhos, na época ela estava com cinco filhos, então passamos a viver todo mundo lá. O terreno da minha mãe tem umas três, quatro casas hoje né, mas tudo em família que mora lá, e nessa época minha irmã veio pra morar com a gente. Então já tava difícil e aí ficou um pouco mais difícil ainda pra gente em matéria financeira. [...] E aí comecei a trabalhar aos 13 anos para que eu pudesse comprar meu material [escolar], pra mim poder estudar. E aí desde essa idade que comecei a trabalhar eu não parei mais, aí eu ia trabalhar, comecei a conhecer festinhas, os bailes da época, gostava muito de sair

com as amigas, de dançar, consegui pegar um pouco esse tempo. E aí conheci um rapaz que é o pai da minha primeira filha, engravidei.. Mas sempre trabalhando. [...] Eu comecei a trabalhar numa casa de família, porém eu trabalhava das 9h até às 14h30, porque às 15h eu tinha que ir pra escola, e como eu morava próximo à escola, e trabalhei também num bairro próximo de casa, então entrava e saía esse horário pra que 14h30 estivesse pronta pra ir pra escola. Terça e Quinta que era o dia de Educação Física, a minha Educação Física começava às 8h e terminava às 8h45 eu tinha 15 minutos pra chegar no serviço, me trocar e trabalhar até as 14h pra poder sair e ir pra escola. Eu Fazia serviços domésticos, limpava toda a casa, só não cozinhava porque a mulher cozinhava, ela ficava em casa, né. Mas eu tomava conta da casa, quando ela saía eu tomava conta dos dois meninos que ela tinha, né, e eu não trabalhava aos sábados por causa da religião dela, ela era adventista, então sábado e domingo eu não trabalhava. E o meu salário ela não dava na minha mão, quando era o dia de eu receber ela chamava minha mãe e minha mãe ia lá e recebia pra mim. Por eu ser de menor, 13 anos, uma menininha ainda, então ela não dava o dinheiro na minha mão. [...] minha mãe começou a lavar roupa pra fora que era o que ela sabia, o que ela fazia na Bahia, aí ela começou. Uns rapazes tinham uma empresa lá perto, uma firma de bairro mesmo, e uns rapazes que vieram da Bahia que trabalhavam lá, eles trabalhavam parece que com aqueles canos PVC, forro de posto de gasolina, então eles começaram a procurar umas pessoas pra lavar roupa, e minha mãe começou a ganhar um dinheirinho dessa forma, ela lavava em casa mesmo. Ela não tinha máquina nem nada, então era lavado no tanque, e aí quando ela recebia esse dinheirinho que a gente ia ao mercado pra comprar alguma coisa pra comer, mas fora isso quando não tinha esse dinheiro a gente se virava [...] como o bairro não era muito popular, tinham muitos terrenos baldios e nasciam muitas ramas de chuchu, de abóbora, e a gente pegava aquilo pra cozinhar pra comer, e a gente cozinhava aquele chuchu novinho, minha mãe colocava no feijão, teve uma época também que eram Cruzados [moeda da época] novos o nosso dinheiro, e a inflação assim subia muito, era tipo dois, três dias que se você fosse ao mercado você comprava o feijão hoje por dois reais, vamos se dizer, e depois de amanhã ele já tava seis. Isso foi em 1982/83.”

Até este momento Rita trabalhava para poder comprar seus materiais de escola, desde essa época é perceptível a divisão do trabalho presente

em sua vida, ela e sua mãe são designadas aos afazeres domésticos, enquanto seu irmão aprendeu as funções de pintor do pai. Todos os trabalhos ocupados por Rita foram na área de limpeza ou de serviços domésticos, mesmos os de carteira assinada, em alguns momentos ela comenta sobre a não disciplinaridade do seu irmão com os estudos, enquanto ela tinha a responsabilidade de trabalhar e estudar. Até mesmo nas relações domésticas a naturalização do “ser homem” e “ser mulher” é colocado em evidência, e durante a fala de Rita fica explícito como isso acontece em outros momentos também, mesmo depois da constituição de sua própria família:

“[...] logo que eu engravidei, conheci esse rapaz né, namoramos um tempinho e aí engravidei, eu tinha 16 anos, e aí eu fui trabalhar [...] aí quando eu ganhei minha filha eu fui trabalhar numa firma, a Lacta. Aí comecei a trabalhar, foi a primeira empresa que trabalhei, primeira carteira assinada. Lá eu tava trabalhando como operadora de produção, era a época dos ovos de páscoa e tal, então a gente embalava, foi a primeira empresa que trabalhei. Estava com 16 anos pra 17. Eu tive [uma filha] do meu primeiro... Não foi bem casamento, foi um namoro né, depois a gente acabou se separando e eu tive minha filha, praticamente mãe solteira. Ele não me ajudava a cuidar. Inclusive tem uns 3/4 anos que ele veio a falecer. Mas a gente não teve mais contato desde quando minha filha nasceu, ele foi fez a vida dele, casou, teve outras mulheres, outros filhos, e eu conheci o pai dos meus filhos, que eu me separei agora já tem uns 6 anos. E com ele eu vivi 25 anos, mas eu sempre trabalhando. Saí dessa firma, a Lacta foi embora pra Curitiba, e eu não pude ir por causa da minha filha, cheguei a trabalhar quase 3 anos lá, e quando ela [Lacta] foi embora pra Curitiba acabei ficando desempregada. [...] E aí depois voltei a trabalhar de novo em casa de família como diarista, não mais como mensalista. Aí era tipo de Segunda a Sábado e cada dia em uma casa, era bem diferente. Em matéria financeira era melhor, porque o trabalho de uma diarista é bem mais pesado, mas porém você ganha o seu dia. O mensalista você tem um salário só no mês e você faz todas as tarefas podendo dividir, aí você faz um pouco todos os dias. Então em parte financeira era melhor mas era bem mais cansativo, mas era o que dava pra mim trabalhar. Depois arrumei outro emprego na área da limpeza já numa firma aí eu já estava vamos dizer “casada”, que eu fui morar com o pai dos meus filhos, nós não casamos na igreja devido não ter dinheiro pra casar. Então acabamos só juntando os trapos e as escovas de dente, que a gente falava. Nunca casamos no papel,

ficamos 25 anos morando juntos. Aí engravidei do meu primeiro filho [homem] já tinha saído dessa firma e estava trabalhando novamente como diarista, essa segunda empresa que trabalhei foi numa loja chamada Leroy Merlin, que é uma loja de construção grande que tem em São Paulo, também na área da limpeza. Trabalhei lá em torno de quase uns 4 anos. E aí quando eu engravidei, que eu saí e depois voltei, depois de 6 meses fui mandada embora e voltei a trabalhar como diarista, até arrumar outro emprego. Depois voltei a engravidar, enfim, tive 3 filhos mas sempre trabalhando. O pai dos meninos, porém, trabalhava também só que ele não conseguia parar muito no emprego, ele trabalhava mas virava e mexia ele era mandado embora.”

Neste momento, eu perguntei à Rita o motivo de o ex-companheiro dela sair tanto dos trabalhos que arrumava, questiono se ele não cumpria as regras ou chegava atrasado e ela concorda veementemente, opinando que para os homens é sempre mais difícil ter responsabilidades de horário.

“Isso, mais ou menos isso, pro homem já é sempre mais difícil, pra acordar cedo, ter aquela responsabilidade de horário e essas coisas, e eu não tinha tempo pra isso né. Pra chegar e ficar olha [...] e não tinha telefone, porque naquela época pra você ter uma linha telefônica você tinha que ter dinheiro porque ela custava em torno de 4 a 6 mil, era tipo você tinha que comprar uma.. É.. Se tornar.. Como é que fala? A gente comprava.. Se tornava sócia. Você ter uma linha telefônica era você ter uma ação da TELESP, então aí era muito caro, né. Celular a gente nem sonhava que existia isso. Então não dava pra ficar ali monitorando, né.”

Em muitos pontos da entrevista Rita destaca sua percepção de público e privado, muitos serviços que tangem à esfera pública na época atual só eram acessados se a população comprasse no período que Rita relata, como a linha telefônica, uniforme e material de estudo das escolas públicas. Ela traz muita memória em seu discurso, o que dialoga diretamente com as percepções que vimos no capítulo 3, onde Lélia Gonzales (1984) abordava, por exemplo, a importância de se cultivar a memória para não se esquecer das origens que pautam a estrutura da sociedade em que vivemos hoje.

4.2.1.2 “E assim foi no decorrer da minha vida, tinha que chegar em casa, cuidar da casa, filhos, escola...”

“Aí até o ano de 2008 eu entrei pra trabalhar na TAM, porém na TAM eu fiquei 10 anos. Trabalhei 5 anos num condomínio como diarista, e nesse condomínio eu trabalhava na casa de uma pessoa que o nome dela é Lucia e ela trabalhava na TAM, e ela que conversou com a supervisora da área da limpeza e a menina pegou e mandou me chamar pra poder ir trabalhar lá. Lá entrei como Auxiliar de Limpeza, fui promovida como Encarregada e isso tudo deu em torno de 10 anos. Eu trabalhava no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, foi lá que eu fiquei. E assim foi no decorrer da minha vida, tinha que chegar em casa, cuidar da casa, filhos, escola, quando dava eu ia nas reuniões, foi dando uma melhorada na parte financeira e consegui comprar um celular, às vezes ligava na escola pra saber como estavam meus filhos, quando tinha reunião que eu não podia comparecer eu pedia um horário pra poder ir lá ou então eu comunicava com o pai deles, pedia muito pra ele ir fazer essa parte de ir a escola e ver como os meninos e graças a Deus meus filhos, né, cresceram e passaram pra de maior, aos 16 anos consegui arrumar emprego pra eles trabalharem, porém o meu filho mais velho que é o Lupi, tirando a minha filha, arrumou um emprego com um conhecido nosso num lugar que chama Coffe Break, era um alemão que era dono e tal. [...] Ele fazia entregas de café da manhã, o pessoal dos escritórios ali no bairro do Morumbi, ali tem muitos escritórios, então o pessoal ligava pra fazer um pedido do lanche, o pessoal montava e ele ia fazer a entrega, tinha ele e outro rapaz também. Mas aí ele contou pra mim um dia que ele tava sendo meio discriminado, porque ele percebeu que as entregas mais longe era ele que ia fazer, a área pra limpar o setor todo dia tava sendo só ele sabendo que no começo tinha sido conversado que era cada dia um fazia e tinha uma escala, e ele começou a prestar atenção que o patrão só mandava ele, só mandava ele, só mandava ele. Tipo, ele viu que ele tava diferenciado dos outros, e ele prestou atenção que o único de cor era ele. [...] conversei muito com ele, falei pra ele que pra mãe também

não era fácil, que tinha certos lugares, não foram todos, mas a gente percebe que quando a gente entra, principalmente a gente que é de cor, e você está com um uniforme de limpeza as pessoas te olham meio que diferenciado. Isso aconteceu em vários elevadores quando a gente ia [na TAM]. A única coisa que a gente não podia descer pelo elevador, tinha um horário certo, era na coleta do lixo, aí a gente não podia descer, mas fora isso a gente tinha o direito de circular dentro dos elevadores porque isso era dito nas entrevistas quando a gente ia fazer, você era levada até o local de trabalho e lá eles falavam: ó, aqui tem horário pra isso, tem horário pra coleta, tem horário assim, o restante é horário livre, você pode trafegar nos elevadores. Mas a gente via [as pessoas olhando], muitos artistas, muita gente top, muitos porém muito legais e gentis, mas você via entre cada 10 pessoas geralmente 3 ou 4 te viravam a cara, meio empinava o nariz querendo dizer: será que você não se toca que não é horário de você estar aqui?! Mas aí eu comecei a conversar com ele [Lupi] e expliquei, falei: filho, infelizmente você não será o primeiro nem o único a passar por isso. Nós além da cor negra e ser pobre, não é defeito, porque se nós somos assim foi porque Deus mandou a gente aqui ao mundo assim. Mas a gente vai ter essas certas dificuldades, mas isso são coisas que a gente pode abominar, não ser mal educado, sempre ensinei meus filhos a nunca ser mal educado com ninguém, especialmente os mais velhos, e que ele deixasse isso passar, que ele não trouxesse isso pra dentro do coração dele e nem colocasse isso na cabeça dele porque ele não iria ser o único a passar por essas coisas, e mesmo depois de grande com você amadurecido dono do seu nariz você vai passar por isso, como a mãe já passou e pode passar e talvez vá passar novamente. Só que a gente cria nosso mundo, a gente abre nosso campo, nosso espaço e a gente vive. Vamos procurar sempre as leis que a gente tem direito, que não tem, e a gente vai levando porque infelizmente esse é o mundo que a gente vive. Isso que eu sempre falei pra eles. [...] O meu caçula veio pra cá pra Foz com 16 anos, começou a trabalhar também, né, começou e SP, e depois ele veio pra cá porque queria também servir o quartel, aí ele veio morar com a tia dele que é inclusive minha Mãe de Santo, porque somos da religião do Candomblé, ela aqui também passou por muito preconceito, né, inclusive até hoje, nem tanto por ser negra mas também por causa da religião, enfrentou muita coisa aqui e hoje em dia tá aí, com 30 anos aqui na cidade, mas ela também tem uma longa história assim e a gente diz assim, entre choros e risos, é vitória. Aí ele veio pra cá morar com ela e ele também serviu o quartel, só

que aí ele ficou um ano só no quartel, e hoje em dia ele trabalha na área da segurança e tá aqui já tem 5 ou 6 anos. E aí agora eu resolvi de um ano pra cá vir pra cá também, porque eu já não queria mais ficar em São Paulo, graças a Deus eu vejo assim hoje em dia que a meta que eu queria pra minha vida e pro meus filhos eu alcancei, tá.. Eu queria criar eles, dar educação até onde eu pude do jeito que eu fui criada e eu consegui ver que eles conseguiram entender essa parte minha, né. Tem as pessoas que eu conheço, que eles conhecem e me apresentam, graças a Deus falam muito bem dos meus filhos, que são uns meninos trabalhadores, são educados, não são doutores, não vou dizer pra você que é um doutor dali, daqui, mas também graças a Deus tem a vida deles normal, casado, com filhos, e tá aí batalhando o dia a dia na vida passando pelo o que todos nós passamos, algumas dificuldades mas porém alcançando nossos objetivos.”

Pergunto à Rita como eram divididas as tarefas em casa, com os filhos e o marido, se em algum momento algum dos homens da casa dizia que não faria determinada coisa por “ser homem”.

“Não, não! Eu ensinei a eles tudo, a gente dividia todo o trabalho. Porque assim, como eu falava pra eles, eu sempre acordei 4h [da manhã], e chegava em casa em torno de 16/17h [...] Aí eu falava pra eles, olha se a mãe chegar do emprego e ter a minha cama, a sua, a do seu irmão e a do seu outro irmão, são quatro camas pra mãe forrar, e quando o pai deles não tava trabalhando ele levantava e arrumava a cama dele, se você forrar sua cama, seu irmão forrar a dele e seu outro irmão a dele, cada um vai forrar uma, se a mãe sozinha for fazer a mãe vai fazer quatro. [...] Segunda, Quarta e Sexta era o dia do lixo, então Segunda-Feira por juntar o lixo do Sábado e Domingo, geralmente ia a família em casa, minhas ex-cunhadas, a gente né costumava fazer um almocinho e tal, então produzia mais lixo e Segunda tinha mais, o Lupi por ser o mais velho e mais forte, Segunda-Feira era dia dele levar o lixo, Quarta do Cael, e Sexta do Caio, a cama cada um forrava sua cama, tomar banho, você toma e já pega sua própria cueca no banheiro, já lava, torce ela e deixa lá, e quando eu ia lavar só colocava no tanque, ou na máquina, que eu fui ter máquina bem depois, pra só enxaguar mesmo, torcer e pôr no varal. As roupas eu passava, sempre cuidei da roupa e da comida, então as roupas eu passava, separava a de cada um, colocava na cama e eles mesmos guardavam as roupas deles, então sempre foi bem distribuído, lógico que não foi sempre essa mil

maravilhas né. Tinha dia que um comprava o outro, né.. 'ah, lava minha louça hoje, eu pago um sorvete pra você, eu faço sua lição e você desce o lixo pra mim', eles tinham esses rolinhos entre eles, então às vezes quando eles aprontavam alguma coisa na escola que não precisava chamar os pais 'ah, eu vou contar pra mãe!', 'não! Não conta não!', 'ah, então você lava a louça hoje pra mim que eu não conto'. Então eles tinham essas coisinhas entre eles, mas eu sempre distribui. Hoje eles sabem lavar, passar e cozinhar, todos eles, os quatro, minha filha e os meus três meninos”

Tratando-se da relação com o ex-companheiro, Rita afirma:

“Olha, eu sempre fui uma pessoa calma, então as nossas dificuldades e nossas diferenças eu sempre procurava muito conversar. Sim, tinha dia que eu tava meio estressada, meio nervosa, eu falava um pouco mais alto, mas eu nunca consegui discutir na frente dos meus filhos, e sempre ensinei à eles que em mulher não se bate, coisa também que eles nunca viram o pai deles fazer comigo, isso eu passei pra eles, isso aí a gente não se faz, tá. A partir do momento que escolheu uma pessoa, escolheu uma companheira, respeita. Se não dá certo, tá vendo que não dá, senta e conversa, ou separa, cada um vai pegar sua vida, Não tenta levar aquela relação entre briga, xingo, discussões, essas coisas porque os filhos se espelham nos pais, então aquilo que seu filho vê dentro da sua casa é o que ele vai ser amanhã lá fora. Então como eles nunca viram isso, lógico cada um tem seu temperamento, cada um tem o seu jeito, tem uns que é nervoso, isso e aquilo mais e eles sabem controlar porque eu até hoje qualquer coisa que eu vejo eu falo pra eles: você já viu isso dentro de casa? Você viu isso acontecer entre eu e seu pai? No entanto, nós somos separados, mas a gente mantém contato, conversa, ele foi pra São Paulo passar o Natal com a gente quando eu ainda estava lá, com os filhos que ele queria ir visitar, e a minha família também adora ele porque foram 25 anos, né, uma vida. Então a gente ainda mantém contato, né, os filhos vai visitar eles, ele vem quando pode, ele adoeceu, teve um AVC, porém infelizmente o AVC, isquêmico que fala, ele perdeu a fala, o pai deles não fala mais.”

4.2.1.3 *“Teve dias de eu ter que ficar praticamente dois dias em prol do serviço até eu poder ir pra casa”*

Neste momento Rita explica o processo de ter saído da TAM até vir para Foz do Iguaçu:

“Eu saí de lá foi praticamente assim eu posso dizer que eu pedi pra sair, porque eu já tava já 10 anos lá dentro, e você sabe, São Paulo é uma cidade que não para, ela é 24 horas, e principalmente essas áreas, parte de hospital, polícia, aeroporto, são lugares que você não para. Chega um feriado todo mundo quer o que? Viajar! A cidade fica vazia porém o aeroporto fica um inferno, era a época que a gente mais trabalhava, então eu trabalhei nos três horários, de manhã, a tarde, a noite, eu peguei os três horários e principalmente quando eu me tornei encarregada eu cuidava dos três turnos, teve dias de eu ter que ficar praticamente dois dias em prol do serviço até eu poder ir pra casa, eu tenho.. e isso é de mim, a minha própria supervisora falava 'Rita você não precisa ficar, passa o serviço' mas eu tenho esse negócio comigo, eu não sei pegar as coisas e deixar, pra mim eu to deixando a metade, se acontece alguma coisa eu me sinto culpada. Se eu peguei essa tarefa tenho que pegar ela no começo, meio e entregar pronta, então as vezes pra eu fazer isso tinha que ir acompanhando os horários das meninas, principalmente quando eles pediam lavagem, que era uma coisa uma limpeza mais profunda, então ocupava muito mais tempo, e nessa eu me infiltrava, então eu fui me desgastando com isso. Dava Feliz Natal e Ano Novo pro meu pessoal por telefone, eu já me conformava porque não era só eu, eu olhava pra trás tinha os próprios funcionários da TAM, também estavam ali monitorando os aviões, tinham os seguranças que trabalhavam em volta do prédio, tinha a gente que era turma da limpeza, tinha o pessoal da manutenção, mas depois você vai vendo e com tudo isso eu falo, eu não consegui ver meus filhos darem os primeiros passos, quando eu chegava em casa minha mãe que sempre me acompanhou, por mais que eu morasse com o pai dos meus filhos eu morava no quintal da minha mãe. [...] [meu ex-companheiro] ficou muito tempo desempregado. Ele ajudava a cuidar das crianças mas o problema dele era que ele gostava muito de bar, então a pessoa que fica a maior parte do tempo dentro do bar... Ele adquiriu o vício da bebida, que infelizmente foi aí que ele veio ter um AVC, então ele ajudava sim, mas eu

tinha que chegar do serviço, tinha que ir lá procurar saber dele, cadê as crianças, porque como eu morava na frente do colégio então tinha três quadras que eles deixavam abertas pro menino jogar, e uma outra mais abaixo próximo ao terreno da prefeitura que era onde mais a molecada ficava brincando, então às vezes eu chegava e não encontrava eles em casa, eu saía e ia procurando, sempre encontrava eles nas quadras jogando bola né, três moleque. E ele [pai] tava geralmente no bar, e eu falava 'tá quase escurecendo, esses meninos já tem que tá em casa, tá na hora de tomar um banho, ver se tem uma lição de casa', então eu que sempre tinha que além de chegar do serviço, correr atrás.. Isso foi também uma das coisas que desgastou, porque como falei pra você, eu nunca fui de explodir, de brigar, de xingar, então eu ia levando na conversa, na conversa, mas quando chega uma hora que você vê que o saco encheu, não dá nem mais pra amarrar, aí foi isso que aconteceu, foi um dos motivos da nossa separação. Foi isso. Ele infelizmente se entregou muito a bebida, ele deixou de fazer a parte, ele é um bom pai, um ótimo pai, os filhos gosta dele, mas essa parte de responsabilidade como pai ele deixou muito a ver. Aí a gente acaba ficando com toda a responsabilidade, né, de educar os filhos, de correr atrás, você sabe como que é, principalmente na cidade de São Paulo, em matéria de companhia, drogas..., aí eu sempre me preocupei muito com isso, sempre procurava saber quais eram as amizades deles, aonde que eles estavam, o que eles estavam fazendo, eu chegava cansada mas eu não ficava tranquila enquanto eu não sabia onde eles estavam, de repente tá se envolvendo em alguma coisa.. E é o que falam, mulher traída e mãe são as últimas a saber das coisas, então eu antes de ficar sabendo eu ia atrás pra já ver, e isso daí foi indo... Porque eu sabia que ele tava ali, tava sem trabalhar, tudo bem que ele ficasse no bar, mas dava o horário das crianças saírem da escola.. tinha que ir lá, verificar, eu chegava e os meninos não estavam em casa, eu ia atrás ver o que estavam fazendo. Então essa participação ele não teve. Desgastou bastante.”

Quando pergunto à Rita sobre a decisão de vir para Foz do Iguaçu ela afirma:

“Então, aí tipo assim como eu falei pra você, cansei daquela correria de São Paulo, né, a minha sobrinha infelizmente o filho dela, o mais velho, ele veio a falecer e ela estava morando com ele e a outra filha dela, e aí ele se envolveu com droga, adquiriu soropositivo [HIV] foi fazer tratamento, isso e

aquilo, e era um moleque assim muito problemático, com tudo isso ele acabou falecendo. A causa até então diz que ele se matou enforcado, aí minha sobrinha entrou em depressão, então aí pra ela não ficar nessa casa de aluguel morando sozinha, ela já tinha se separado há muitos anos, e ela não tinha um companheiro com ela, era só ele e os filhos, aí o que a gente fez, eu morava nesse quarto na casa da minha mãe e aí preferi vir pra cá ficar com o Caio, porque o Caio já tinha saído da casa da Mãe [Mãe Marina é a tia de Caio e Mãe de Santo de Rita] foi morar sozinho também e aí eu falei ó, to indo pra Foz, vou ficar uns tempos com o Caio e vou ver como é que tá, porque agora ele tá morando sozinho. [...] Eu já conhecia Foz, quando eu vinha pra cá só nas festas no Ilê [Terreiro de Mãe Marina onde acontecem os encontros da religião do Candomblé] e como a Mãe tá aqui já há quase 30 anos, então eu vinha pra cá mas assim, só vinha e ficava mais no Terreiro, não conhecia o centro de Foz porque eu vinha mais só em prol da festa, ficava uns dois, três dias e já voltava pra São Paulo. [...] Eu entrei pra religião quando eu fiz Santo, eu tava com 18 anos, e foi com a Mãe Marina lá em São Paulo. O primeiro Terreiro da Mãe foi em São Paulo, eu sou a terceira Filha de Santo dela, uma das mais velhas. Antes de mim só tem a Yalosè, que é minha comadre, madrinha do Lupi, ela é de Yemanjá, e aí vem depois a minha irmã [de Santo] que mora em Ferraz de Vasconcelos, a Odè Keji, que é a segunda, e eu a terceira. E depois vem muitos outros, a Mãe saiu de lá mas deixou uma galerinha boa em São Paulo. A gente tem um vínculo com espiritual e carnal, que é de sangue.”

A última pergunta que fiz à Rita foi o qual foi a coisa mais difícil que aconteceu ou acontece em sua vida que se relaciona diretamente com o fato de ela ser uma mulher negra e pobre, sua resposta foi:

“Ah, eu acredito assim que hoje em dia, como eu falei pra você, é entrar em certos lugares. Tipo, quando você entra numa igreja católica, tudo bem que é uma igreja aberta pra todos, mas tipo se você entrar num lugar e você vê que só tem pessoas brancas, você como negra você vai ver que as pessoas voltam esse olhar pra você, então isso daí parece que deixa a gente meio... Eu acho que isso ainda é, pelo menos pra mim, uma dificuldade. Não vou questionar, nem falar, nem nada, mas que eu vou me sentir mal, eu me sinto. Eu acho isso um pouco constrangedor.”

4.2.1.4 “Agora eu tô curtindo eu Rita”

“Olha, agora o que eu falo, daqui pra frente eu só quero viver tudo aquilo que eu conquistei, quero estar participando, vendo os meus netos crescerem, poder ajudar eles no que eles precisarem, pra mim mesmo agora eu quero só curtir a vida, porque eu passei o tempo inteiro da minha vida trabalhando, procurando me dedicar aos meus filhos, casa, marido, e como eu falei, não me arrependo é um sonho pra mim realizado, então eu, Rita, eu não vivi eu, então agora eu to assim, por isso que eu falo, eu até falo pras meninas, eu sou uma pessoa agora que você fala 'vamos em tal lugar?' 'tô indo!' não tenho compromisso nenhum com ninguém, tô livre, leve e solta, vamos embora! Agora eu tô curtindo eu Rita. Meu sonho tá realizado, agora eu quero é isso. Lógico, problemas sempre vão ter, dificuldades estão aí e vamos passar, mas eu agora meu momento é esse daí, cuidar de mim e viver pra mim.”

4.2.1.5 Trajetórias que se cruzam – especificidades que unificam nossa luta

A trajetória de Rita toma um aspecto central neste capítulo, porém isso não acontece por universalizarmos sua história como representante de todas as mulheres negras e pobres, mas sim por ser perceptível observar todos os aspectos de marginalização da mulher preta que estudamos até aqui ao analisarmos sua fala. Tratando-se das contradições racistas e machistas que permeiam a vida da mulher negra não é difícil encontrarmos estatísticas e relatos que confirmem a situação existente, trazer a trajetória de Rita, nesse aspecto, nos permitiu observar as diversas expressões que a divisão interseccional assume em sua vida.

Abordar a produção e reprodução da vida nesse contexto nada mais é que analisar as condições em que essas mulheres estão inseridas para sobreviver, no caso de Rita, por exemplo, desde os 13 anos ela já assumiu a responsabilidade de bancar os gastos com material escolar e o único posto de trabalho possível de assumir foi na esfera doméstica, desde então Rita assume trabalhos com o mesmo caráter de serviços de limpeza e domésticos, além disso, a maioria deles foram por meio de empresas terceirizadas, quando não com vínculo informal, e, conforme vimos nos capítulos anteriores, é muito comum essa característica de relações de

trabalho entre as mulheres negras. É interessante observar que na análise de Marx (2013) sobre o trabalho – já que ela é nosso ponto de partida – a questão do trabalho doméstico e escravo é tomada pelo autor como algo externo à lógica da relação entre capital e trabalho, já que não é possível analisá-los com o mesmo método que o trabalho assalariado, e essas características são as que justamente baseiam a estrutura racista e patriarcal que as mulheres negras enfrentam desde o período colonial até a contemporaneidade. O trabalho doméstico, por exemplo, permite a reprodução da vida, enquanto o trabalho escravo, mesmo após seu fim, determina até hoje quem se submete às maiores formas de exploração: o corpo negro. A mulher preta encontra-se exatamente nessas duas esferas.

Todos os momentos que destacamos na linha do tempo da vida de Rita foram marcados por grandes responsabilidades impostas à ela que não eram cobradas da mesma forma em relação às figuras masculinas presentes em sua família, um grande exemplo é quando ela e sua filha assumem o controle total da casa enquanto seu marido pula de emprego em emprego pela característica indisciplinada de “ser homem”, e mesmo após um período em que ele fica desempregado e conseqüentemente o dia inteiro em casa suas responsabilidades como pai não são assumidas por completo, e Rita mais uma vez tem que assumir seu papel de trabalhadora e cuidadora dos filhos enquanto seu marido não assume nenhum desses papéis.

Tocar neste assunto automaticamente me fez lembrar da mesma relação que minha mãe tinha com meu pai, inclusive em algum momento da entrevista eu e Rita dialogamos sobre como isso era comum nas famílias pretas, pobres e moradoras de periferia, não há nenhuma designação de fragilidade perante a sociedade ao tratar-se dessas mulheres, elas trabalham incessantemente para fora para terem um salário que ajude na sua sobrevivência e de sua família, e internamente em suas casas trabalham mais uma vez sendo responsáveis pela manutenção do lar. Quando Rita conta sobre a discriminação que um de seus filhos sofreu em um emprego ela comenta que demorou até conseguir sentar e conversar com ele, pois não tinha tempo livre nem para fazer isso.

No documentário “25 de Julho – Feminismo Negro Contado em Primeira Pessoa” várias mulheres negras e periféricas dividem seus estudos e

vivências sobre o papel do feminismo interseccional na emancipação da mulher preta, dia 25 de Julho é comemorado internacionalmente o Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, logo, o cerne do debate era discutir essa problemática na vida cotidiana. Mariana Laiola, uma das entrevistadas, dialoga sobre a questão da responsabilidade da mulher quando diz que apesar de estarmos inseridas num sistema onde o gênero masculino é dominante – quando se trata de correlação de poderes – a maioria dos brasileiros, principalmente da periferia, vem de famílias patriarcais, as mães e avós têm um papel fundamental dentro de casa, são referências na organização das famílias. Outra entrevistada, Katiara Oliveira, corrobora com essa lógica ao dizer que:

“a mulher trabalhadora, que não é a mulher burguesa, que tem outro ritmo de vida, ela tem que dar conta de várias tarefas porque infelizmente o patriarcado é o que rege as relações entre homem e mulher, do tipo a tarefa doméstica é dela, ela assume também o trabalho externo além de cuidar da criança, e fora as que se metem a estudar ainda, né” (25 DE JULHO - FEMINISMO NEGRO CONTADO EM PRIMEIRA PESSOA, 2013)

Independente de qualquer análise teórica, a exploração e situação de marginalidade que uma mulher negra, mãe, muitas vezes mãe solo, pobre, enfrenta não é difícil de se entender, já que é a maior expressão na vida dessas indivíduos, característica ímpar de um sistema patriarcal-racista-capitalista. No cenário brasileiro vivemos uma situação em que apesar das estatísticas, relatos e acontecimentos sempre demonstrarem que há uma parcela específica da população que não tem emprego, que trabalha em condições precárias, que não consegue suprir todas as suas necessidades fisiológicas, que são mortas deliberadamente pelas mãos da polícia, que são jogadas ao mundo do crime, e muitas outras características que são totalmente ignoradas pelo estado, discutir o que estrutura e produz estes aspectos é um trabalho muito difícil e doloroso, a memória histórica é apagada e pisada a todo momento, e todo processo de questionamento da realidade também acaba sendo um processo de se colocar à disposição de uma violência racista inerente ao discurso hegemônico.

Numa outra fala de Mariana Loiola ela afirma que pensar no que significa ser mulher negra no terceiro mundo, ou no capitalismo dependente, é também pensar em todas as dificuldades que são enfrentadas por todas essas mulheres, de nada serve uma 'autonomia' ou 'empoderamento' individual que não leva em consideração a emancipação de toda a classe que corre junto comigo nas situações vulneráveis da vida, a liberdade tem de ser comunal.

Além da exploração interseccional comum enfrentada por essas mulheres, outro aspecto as unem: a crítica e busca de uma superação desta realidade, a luta. Essas mulheres constroem redes de afeto que sejam capazes de proteger umas às outras, pois essa foi a resposta histórica para uma lógica de relações que as marginalizam. No caso de Rita, por exemplo, a família e a religião foram pontos centrais nos períodos mais difíceis de sua vida, assim como continuam sendo fundamentais em todo o resto de sua história, além de buscar um respiro da cidade de São Paulo e por já ter um de seus filhos morando em Foz do Iguaçu, a espiritualidade de Rita juntamente ao vínculo que ela mantém com sua Mãe de Santo, também foram pontos cruciais na decisão de mudar de São Paulo para Foz.

Nos relatos presentes no documentário a todo tempo se destaca a importância de grupos de ação e resistência, seja na comunidade, no RAP, na produção teórica, na formação política, e etc. Apesar de toda a estrutura de opressão, essas mulheres existem, vivem, e continuam representando um ser social indispensável e fundamental para a manutenção da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprometer-se a tentar compreender a realidade é uma tarefa difícil, assumir essa responsabilidade na produção teórica deve ser um compromisso de todo pesquisador e pesquisadora, e essa foi minha principal motivação ao formular o questionamento central deste trabalho. A Ciência Econômica é uma grande ferramenta que nos permite analisar diversos aspectos de uma sociedade, e ao mesmo tempo corresponde à própria expressão da realidade por se tratar de uma análise colada diretamente à historicidade do ser.

Este foi nosso compromisso, à partir de um movimento de abstração em busca de uma fiel compreensão da realidade, buscamos entender um aspecto específico do capitalismo, que é a exploração do trabalho, e que ao mesmo tempo assume características próprias de sua formação e estruturação no território latino-americano, atingindo um contingente também específico na população, porém muito expressivo na América Latina.

Desta forma conseguimos compreender que a estrutura de dominação do trabalho - onde a designação de quem era o dominado correspondia à uma concepção de superioridade racial, social e de gênero, e que nesta disposição a mulher negra encontrava-se na base da pirâmide - culminou numa continuação de acontecimentos, tomadas de decisões, e estruturação de sociedades que não romperam com esta lógica violenta, fazendo com que hoje tenhamos a manutenção de um sistema patriarcal-racista-capitalista.

Apesar deste aspecto social, a América Latina está inserida no sistema internacional como uma economia de capitalismo dependente, ocasionando em outros tipos de relação violenta com a população, como por exemplo a

superexploração do trabalho. Logo, a soma dessas contradições não poderia ter outro resultado que não fosse atingir a mulher negra em cheio, explorando-a e oprimindo-a como trabalhadora, negra e mulher, que determinamos de divisão interseccional do trabalho.

Não é possível um rompimento com esta estrutura enquanto estivermos inseridos neste sistema patriarcal-racista-capitalista, a verdadeira emancipação dessas mulheres só virá com a transformação desta realidade, saber organizar-nos à partir desta concepção é fundamental, este é o ponto de partida.

O método de utilizar a entrevista para analisar as expressões reais que a divisão interseccional ocasiona na vida das mulheres foi um grande avanço para nossa pesquisa, é fundamental que ele continue colado às análises teóricas que se desdobrarão a partir daqui.

“Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos” (DAVIS, 1997).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. amp. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**. (2001)

CEPAL. “**Prebisch y los terminos de intercambio**”. Material audiovisual. 9’58”. YouTube. 6 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sqUQQX1dTx8>>. Acessado em 8 dez. 2018.

CISNE, Mirla. **Feminismo e marxismo**: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. (2018)

CRENSHAW, Kimberlé. **Conferência à Plataforma TED - Ideas worth spreading**. 2016. Disponível para acesso através da plataforma Netflix. Acessado em novembro de 2018

_____. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. (2002)

_____. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color**. (1994)

DAVIS, Angela [1981]. **Mulheres, Raça e Classe**. (2016)

_____. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. 1997. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

DIEESE. **Análise cesta básica - Salário mínimo nominal e necessário**. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acessado em 8 dez. 2018.

_____. **O Emprego Doméstico no Brasil**. (2013)

_____. **Trabalho Doméstico Remunerado**. (2018)

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** (1989)

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa – Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva.** (2017)

_____. **Salario contra el trabajo domestico.** In: Revista La Cultura em México. Suplemento de siempre! n. 765, 12, outubro, 1976.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Globo, 2008

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** (2005)

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, p.223-244, 1984.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad.** Bogotá: Grupo Editorial, Norma, 2001.

IAMAMOTO, M. V. **A questão social no capitalismo.** Revista Temporalis – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano 2. Nº 3 (jan/jul.2001). Brasília: ABEPSS, Grafile, 2001.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça 1995-2015.** (2017)

KERGOAT, Danièle. “Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo”. In..... (2000)

KERGOAT, D.; HIRATA, H. “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho”. In..... (2007)

LUCE, Mathias. **Teoria Marxista da Dependência – Problemas e Categorias. Uma Visão Histórica.** (2018)

LUGONES, Maria. **Colonialidad y Género.** (2008)

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 3, p.325-356, dez. 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/issue/view/1525>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** São Paulo: Boitempo, 2013. 1493 p. Formato e-Pub.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: Lander, Edgardo. (org.) A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais.

Perspectivas Latino-americanas. Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, pp.105-127.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. (2004)

_____. **O Poder do Macho**. (1992).

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo [1967]. "**Sobre a essência humana em Marx**". In: Filosofia da práxis. São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2009.

SCHNEIDER, Élen Cristiane. **O valor social do trabalho doméstico e a justiça consubstancial**. 2016. 367 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

STEDILE, João Pedro (org.) **A Questão Agrária no Brasil**. O debate tradicional 1500-1960. São Paulo: Expressão popular, 2005. pp. 15-31

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COMPLETA DE RITA DE CÁSSIA

Rita de Cássia: Meu nome é Rita de Cássia Machado dos Santos, sou de São Paulo e agora moro em Foz do Iguaçu. Minha vida começa assim, do que lembro da minha infância são muitas histórias que minha mãe conta, quando ela e meu pai se conheceram na Bahia, eles são baianos, e de 15 filhos eu fui a única que nasci em São Paulo. De 15 filhos sobreviveram 7 comigo, minha mãe nunca tinha ido a um hospital nem nada, porque na época era tudo parteira, e eu por estar em São Paulo e ela ter ido pra lá com meu pai trazendo meus irmãos ali eu comecei a minha infância, eu nasci em 1968.

Comecei a estudar, eu e meus irmãos, muitos não tiveram a oportunidade de terminar os estudos quando trabalhavam na roça com meus pais. Eu por ser a caçula já tive um padrão diferente dos meus irmãos, pude estudar e terminar os estudos. Eu morava numa parte da Zona Sul chamada Jardim Luso, e aí meu pai vendeu aquele terreno e nos mudamos pro Campo Limpo, na Zona Sul também, só que mais interior. Com um ano morando lá, meu pai veio a falecer, ele estava doente, foi internado e operou mas não resistiu. Acabou falecendo depois de 7 dias. Eu estava com 11 anos.

Aos 13 anos comecei a trabalhar, porque até então naquela época comprávamos todos materiais de escola, uniforme, tudo.. Quando eu tinha meu pai ele comprava pra mim, meus irmãos já estavam trabalhando na época, apenas um outro irmão que é mais próximo de mim que é 3 anos mais velho que eu [que não trabalhava], meu pai bancava nossos estudos, então dois anos depois da morte do meu pai eu continuei indo pra escola mas estudava com sobras de caderno dos outros anos, como a maior parte dos meus irmãos já estavam casados e morando fora, eles não podiam ajudar tanto a gente, tinha minha irmã Magnólia que era mãe solteira na

época que trabalhava mas não ganhava tão bem, ela era vendedora de loja, então não ganhava suficiente pra poder ajudar a gente a comprar os materiais.

Mayara: Quando a sua família veio da Bahia, eles vieram em busca de algo? Planejaram vir pra São Paulo?

Rita de Cássia: Meu pai veio em busca de trabalho pra poder criar os filhos porque lá eles só trabalhavam na roça e lá o custo de vida era muito pouco que eles ganhavam, então não dava pra criar todos os meus irmãos lá

Mayara: Então vocês vieram do interior da Bahia?

Rita de Cássia: É, meu pai era de Jequié e meu mãe Ibirataia, eu não nasci lá e não conheço, mas essa é a história que minha mãe conta, então meu pai foi pra São Paulo em busca de trabalho pra dar um melhor padrão de vida pra família, né. Tanto que ele até conseguiu, comprou terreno e tudo. Meus irmãos todos engajaram na mesma função que ele, porque na Bahia como agricultor que ele trabalhava lá, em São Paulo ele conseguiu montar uma pequena mini empresa, pode se dizer assim, de pintor, então ele conheceu um pessoal, trabalhava, reformava as casas e tudo, e assim que conheci meu pai até os 11 anos.

Mayara: E você lembra da relação que ele tinha com a sua mãe, se era uma boa relação?

Rita de Cássia: Sim, sempre foi porque minha mãe não precisava trabalhar fora. Na Bahia sim, ela era lavadeira, lavava roupa na beira do rio, mas em São Paulo ela já não precisou fazer isso porque meu pai trabalhava e supria tudo dentro de casa, né. Aí a relação deles era boa, minha mãe era uma dona de casa, ficava em casa cuidando dos filhos e meu pai saía pra trabalhar. Vieram 6 filhos com eles, e o sétimo contou comigo aqui [Em São Paulo]. Aí aos 13 anos, dois anos depois que meu pai faleceu, a nossa vida começou a ficar muito difícil. O fato da minha mãe não trabalhar, eu e meu irmão ser de menor, e uma irmã minha que separou do marido

veio morar com a gente e trouxe os meus sobrinhos, na época ela estava com cinco filhos, então passamos a viver todo mundo lá. O terreno da minha mãe tem umas três, quatro casas hoje né, mas tudo em família que mora lá, e nessa época minha irmã veio pra morar com a gente. Então já tava difícil e aí ficou um pouco mais difícil ainda pra gente em matéria financeira.

Mayara: E isso era quando você era novinha ainda, né?

Rita de Cássia: Sim, eu tava com uns 11/12 anos por aí, e aos 13 comecei a trabalhar justamente por causa disso. Meus irmãos são bem mais velhos que eu, o mais velho tem 72, todos já são avós, alguns bisavós já. E aí comecei a trabalhar aos 13 anos para que eu pudesse comprar meu material [escolar], pra mim poder estudar. E aí desde essa idade que comecei a trabalhar eu não parei mais, aí eu ia trabalhar, comecei a conhecer festinhas, os bailes da época, gostava muito de sair com as amigas, de dançar, consegui pegar um pouco esse tempo. E aí conheci um rapaz que é o pai da minha primeira filha, engravidei.. Mas sempre trabalhando.

Mayara: E como foi seu primeiro trabalho? Qual foi a coisa que você fez pra conseguir comprar seus materiais?

Rita de Cássia: Eu comecei a trabalhar numa casa de família, porém eu trabalhava das 9h até às 14h30, porque às 15h eu tinha que ir pra escola, e como eu morava próximo à escola, e trabalhei também num bairro próximo de casa, então entrava e saía esse horário pra que 14h30 estivesse pronta pra ir pra escola. Terça e Quinta que era o dia de Educação Física, a minha Educação Física começava às 8h e terminava às 8h45 eu tinha 15 minutos pra chegar no serviço, me trocar e trabalhar até as 14h pra poder sair e ir pra escola.

Mayara: E você fazia serviços domésticos?

Rita de Cássia: Fazia serviços domésticos, limpava toda a casa, só não cozinhava porque a mulher cozinhava, ela ficava em casa, né. Mas eu tomava conta da casa,

quando ela saía eu tomava conta dos dois meninos que ela tinha, né, e eu não trabalhava aos sábados por causa da religião dela, ela era adventista, então sábado e domingo eu não trabalhava. E o meu salário ela não dava na minha mão, quando era o dia de eu receber ela chamava minha mãe e minha mãe ia lá e recebia pra mim. Por eu ser de menor, 13 anos, uma menininha ainda, então ela não dava o dinheiro na minha mão [a patroa era branca].

Mayara: E você lembra qual era esse salário? Te ajudava bem? Era uma coisa pouca?

Rita de Cássia: Ah, dava sim, dava pra me ajudar, porque eu comprei meu material, eu comprei meu uniforme da escola, porque era desde o tênis, a meia, o uniforme, tudo na lista que eles passavam era tudo comprado. Governo, prefeitura, não dava nada nada nada naquela época, e era escola pública. Então a gente tinha que comprar de um tudo, desde borracha, caderno.. Os livros eram comprados também, que no entanto ainda passei uma fase que dos 11 até os 13 eu tinha que pegar os livros das minhas colegas pra fazer trabalho em casa, a lição de casa, e quando era o dia das aulas de fazer com os livros. Ou então eu ia na biblioteca da escola e usava o livro da escola pra fazer a minha lição, pra apresentar pra professora, aí foi onde eu vi que ficou mais difícil e precisei trabalhar.

Em matéria de alimento como eu não trabalhava, nem minha mãe, nem meu irmão [antes de Rita começar a trabalhar], minha mãe começou a lavar roupa pra fora que era o que ela sabia, o que ela fazia na Bahia, aí ela começou. Uns rapazes tinham uma empresa lá perto, uma firma de bairro mesmo, e uns rapazes que vieram da Bahia que trabalhavam lá, eles trabalhavam parece que com aqueles canos PVC, forro de posto de gasolina, então eles começaram a procurar umas pessoas pra lavar roupa, e minha mãe começou a ganhar um dinheirinho dessa forma, ela lavava em casa mesmo. Ela não tinha máquina nem nada, então era lavado no tanque, e aí quando ela recebia esse dinheirinho que a gente ia ao mercado pra comprar alguma coisa pra comer, mas fora isso quando não tinha esse dinheiro a gente se virava [...] como o bairro não era muito popular, tinham muitos terrenos baldios e nasciam

muitas ramas de chuchu, de abóbora, e a gente pegava aquilo pra cozinhar pra comer, e a gente cozinhava aquele chuchu novinho, minha mãe colocava no feijão, teve uma época também que eram Cruzados [moeda da época] novos o nosso dinheiro, e a inflação assim subia muito, era tipo dois, três dias que se você fosse ao mercado você comprava o feijão hoje por dois reais, vamos se dizer, e depois de amanhã ele já tava seis. Isso foi em 1982/83.

Mayara: E você lembra algo da ditadura na vida de vocês?

Rita de Cássia: Olha eu não cheguei a [...] Eu lembro do Jânio Quadros, quando ele fazia propaganda política na televisão, e como eu era de menor ainda, tinha uns sete/oito anos, então eu via as faixas na rua, via aquela vinheta da música que eles colocavam quando passava o comercial do horário político deles, mas eu não cheguei a ter nenhuma participação com isso. Meu primeiro voto, eu vim começar a votar com os meus 18 anos porque já era obrigatório né. Então até então eu nunca participei da parte política.

Mayara: E você comentou que tem um irmão, e que ficou mais você sua mãe e seu irmão pra se sustentarem. E como que era? Seu irmão também teve que trabalhar? Ele ajudava na casa?

Rita de Cássia: Sim, meu irmão como eu te falei, como meu pai ensinou pra eles toda a profissão que ele tinha conseguido em São Paulo que era de pintor, então ele levava meus irmãos pra trabalhar com ele, porém meu irmão teve a oportunidade de estudar, só que moleque, ele era muito bagunceiro, costumava cabular aula, reprovava muito.. Aí ele logo foi trabalhar, e conheceu num desses trabalhos que ele tava fazendo reformando casas um rapaz, que não lembro bem o nome dele agora, mas ele tinha uma firma, uma tapeçaria, e ele levou meu irmão pra trabalhar com ele. Foi a primeira profissão do meu irmão depois de pintor, e meu irmão ficou um bom tempo trabalhando com esse rapaz até quando conheceu a minha cunhada e casou. Porém os outros depois foi se formando, tenho irmã que é enfermeira e agora é aposentada, tenho meu outro irmão também que é pintor que é o mais velho,

tenho um irmão que faleceu, o Carlinhos, casou e teve três filhas e era pintor também. Então todos eles ficaram na mesma profissão que meu pai. Eu tenho duas irmãs, uma que era enfermeira, a Magnólia, e é aposentada e a Maria que também sempre trabalhou em casa de família, foi o jeito também que ela conseguiu porque tinha pouco estudo, ela foi uma que não teve a oportunidade de estudar porque ela ajudava a cuidar dos meus irmãos pros meus pais irem trabalhar, então ela não teve oportunidade de estudar muito, então ela foi a que trabalhava também em casa de família.

Mayara: Depois desse emprego que você conseguiu comprar as coisas da escola e tal, quais foram as outras coisas que você fez?

Rita de Cássia: Então, aí eu comecei [...] logo que eu engravidei, conheci esse rapaz né, namoramos um tempinho e aí engravidei, eu tinha 16 anos, e aí eu fui trabalhar [...] aí quando eu ganhei minha filha eu fui trabalhar numa firma, a Lacta. Aí comecei a trabalhar, foi a primeira empresa que trabalhei, primeira carteira assinada. Lá eu tava trabalhando como operadora de produção, era a época dos ovos de páscoa e tal, então a gente embalava, foi a primeira empresa que trabalhei. Estava com 16 anos pra 17.

Mayara: E aí você já tinha ganhado sua filha né?

Rita de Cássia: Isso, eu tive [uma filha] do meu primeiro... Não foi bem casamento, foi um namoro né, depois a gente acabou se separando e eu tive minha filha, praticamente mãe solteira. Ele não me ajudava a cuidar. Inclusive tem uns 3/4 anos que ele veio a falecer. Mas a gente não teve mais contato desde quando minha filha nasceu, ele foi fez a vida dele, casou, teve outras mulheres, outros filhos, e eu conheci o pai dos meus filhos, que eu me separei agora já tem uns 6 anos. E com ele eu vivi 25 anos, mas eu sempre trabalhando. Saí dessa firma, a Lacta foi embora pra Curitiba, e eu não pude ir por causa da minha filha, cheguei a trabalhar quase 3 anos lá, e quando ela [Lacta] foi embora pra Curitiba acabei ficando desempregada.

Mayara: E eles te deram algum tipo de Seguro Desemprego? Te auxiliaram?

Rita de Cássia: Não não, naquela época não tínhamos Seguro Desemprego, era você trabalhou e como foi mandado embora era rescisão pelo tempo de casa que você trabalhou e seu fundo de garantia (FGTS) era o que a gente tinha na época de direito trabalhista, foi o que eu recebi. E aí depois voltei a trabalhar de novo em casa de família como diarista, não mais como mensalista. Aí era tipo de Segunda a Sábado e cada dia em uma casa, era bem diferente.

Mayara: Você acha que era melhor assim do que numa casa só?

Rita de Cássia: Não porque, é assim.. Em matéria financeira era melhor, porque o trabalho de uma diarista é bem mais pesado, mas porém você ganha o seu dia. O mensalista você tem um salário só no mês e você faz todas as tarefas podendo dividir, aí você faz um pouco todos os dias. Então em parte financeira era melhor mas era bem mais cansativo, mas era o que dava pra mim trabalhar. Depois arrumei outro emprego na área da limpeza já numa firma, aí eu já estava vamos dizer "casada", que eu fui morar com o pai dos meus filhos, nós não casamos na igreja devido não ter dinheiro pra casar. Então acabamos só juntando os trapos e as escovas de dente, que a gente falava. Nunca casamos no papel, ficamos 25 anos morando juntos. Aí engravidei do meu primeiro filho [homem] já tinha saído dessa firma e estava trabalhando novamente como diarista, essa segunda empresa que trabalhei foi numa loja chamada Leroy Merlin, que é uma loja de construção grande que tem em São Paulo, também na área da limpeza. Trabalhei lá em torno de quase uns 4 anos. E aí quando eu engravidei, que eu saí e depois voltei, depois de 6 meses fui mandada embora e voltei a trabalhar como diarista, até arrumar outro emprego. Depois voltei a engravidar, enfim, tive 3 filhos mas sempre trabalhando. O pai dos meninos, porém, trabalhava também só que ele não conseguia parar muito no emprego, ele trabalhava mas virava e mexia ele era mandado embora.

Mayara: E você lembra o porquê ele não parava no trabalho? Era por que chegava atrasado?

Rita de Cássia: Éée!

Mayara: Não cumpria as regras?

Rita de Cássia: Isso, mais ou menos isso, pro homem já é sempre mais difícil, pra acordar cedo, ter aquela responsabilidade de horário e essas coisas, e eu não tinha tempo pra isso né. Pra chegar e ficar olha [...] e não tinha telefone, porque naquela época pra você ter uma linha telefônica você tinha que ter dinheiro porque ela custava em torno de 4 a 6 mil, era tipo você tinha que comprar uma.. É.. Se tornar.. Como é que fala? A gente comprava.. Se tornava sócia... É...

Mayara: Assinante?

Rita de Cássia: É, mais ou menos isso que se chama agora, mas antigamente a gente era tipo um associado à TELESP, na época ainda era a TELESP. Você comprava uma ação, isso! Você ter uma linha telefônica era você ter uma ação da TELESP, então aí era muito caro, né. Celular a gente nem sonhava que existia isso. Então não dava pra ficar ali monitorando, né.

Aí até o ano de 2008 eu entrei pra trabalhar na TAM, porém na TAM eu fiquei 10 anos. Trabalhei 5 anos num condomínio como diarista, e nesse condomínio eu trabalhava na casa de uma pessoa que o nome dela é Lucia e ela trabalhava na TAM, e ela que conversou com a supervisora da área da limpeza e a menina pegou e mandou me chamar pra poder ir trabalhar lá. Lá entrei como Auxiliar de Limpeza, fui promovida como Encarregada e isso tudo deu em torno de 10 anos. Eu trabalhava no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, foi lá que eu fiquei. E assim foi no decorrer da minha vida, tinha que chegar em casa, cuidar da casa, filhos, escola, quando dava eu ia nas reuniões, foi dando uma melhorada na parte financeira e consegui comprar um celular, às vezes ligava na escola pra saber como estavam meus filhos, quando tinha reunião que eu não podia comparecer eu pedia um horário pra poder ir lá ou então eu comunicava com o pai deles, pedia muito pra ele ir fazer essa parte de ir a escola e ver como os meninos estavam, e graças a

Deus meus filhos, né, cresceram e passaram pra de maior, aos 16 anos consegui arrumar emprego pra eles trabalharem, porém o meu filho mais velho que é o Lupi, tirando a minha filha, arrumou um emprego com um conhecido nosso num lugar que chama Coffe Break, era um alemão que era dono e tal. Depois de um certo tempo eu fiquei sabendo que durante o tempo que ele trabalhou, e foi dos 16 aos 18, até ele entrar pro exército né, e ele andava meio chateado e tudo, e andei conversando com o pouco tempo que tinha, que era aos Domingos praticamente, e ele tava meio chateado e desmotivado com o emprego e pergunte pra ele o porquê.. Eu achei que era porque ele tava cansado, porque ele saía do emprego e ia pra escola, ele estudava a noite.

Mayara: E ele fazia o que?

Rita de Cássia: Ele fazia entregas de café da manhã, o pessoal dos escritórios ali no bairro do Morumbi, ali tem muitos escritórios, então o pessoal ligava pra fazer um pedido do lanche, o pessoal montava e ele ia fazer a entrega, tinha ele e outro rapaz também. Mas aí ele contou pra mim um dia que ele tava sendo meio discriminado, porque ele percebeu que as entregas mais longe era ele que ia fazer, a área pra limpar o setor todo dia tava sendo só ele sabendo que no começo tinha sido conversado que era cada dia um fazia e tinha uma escala, e ele começou a prestar atenção que o patrão só mandava ele, só mandava ele, só mandava ele. Tipo, ele viu que ele tava diferenciado dos outros, e ele prestou atenção que o único de cor era ele, e trabalhava no meio de todos, né. Mas aí logo ele foi pra servir o quartel, foi se alistar, pediu pra servir e conseguiu. Hoje em dia ele concluiu 8 anos do quartel, é casado, tem uma filha, e ele conseguiu superar essa parte. Também conversei muito com ele, falei pra ele que pra mãe também não era fácil, que tinha certos lugares, não foram todos, mas a gente percebe que quando a gente entra, principalmente a gente que é de cor, e você está com um uniforme de limpeza as pessoas te olham meio que diferenciado. Isso aconteceu em vários elevadores quando a gente ia [na TAM]. A única coisa que a gente não podia descer pelo elevador, tinha um horário certo, era na coleta do lixo, aí a gente não podia descer, mas fora isso a gente tinha o direito de circular dentro dos elevadores porque isso era dito nas entrevistas

quando a gente ia fazer, você era levada até o local de trabalho e lá eles falavam: ó, aqui tem horário pra isso, tem horário pra coleta, tem horário assim, o restante é horário livre, você pode trafegar nos elevadores. Mas a gente via [as pessoas olhando], muitos artistas, muita gente top, muitos porém muito legais e gentis, mas você via entre cada 10 pessoas geralmente 3 ou 4 te viravam a cara, meio empinava o nariz querendo dizer: será que você não se toca que não é horário de você estar aqui?!

Mas aí eu comecei a conversar com ele [Lupi] e expliquei, falei: filho, infelizmente você não será o primeiro nem o único a passar por isso. Nós além da cor negra e ser pobre, não é defeito, porque se nós somos assim foi porque Deus mandou a gente aqui ao mundo assim. Mas a gente vai ter essas certas dificuldades, mas isso são coisas que a gente pode abominar, não ser mal educado, sempre ensinei meus filhos a nunca ser mal educado com ninguém, especialmente os mais velhos, e que ele deixasse isso passar, que ele não trouxesse isso pra dentro do coração dele e nem colocasse isso na cabeça dele porque ele não iria ser o único a passar por essas coisas, e mesmo depois de grande com você amadurecido dono do seu nariz você vai passar por isso, como a mãe já passou e pode passar e talvez vá passar novamente. Só que a gente cria nosso mundo, a gente abre nosso campo, nosso espaço e a gente vive. Vamos procurar sempre as leis que a gente tem direito, que não tem, e a gente vai levando porque infelizmente esse é o mundo que a gente vive. Isso que eu sempre falei pra eles.

Mayara: E ele ficou 8 anos no quartel? Ele chegou a ir pra alguma missão/batalha?

Rita de Cássia: Ele chegou a fazer missão sim, inclusive ele estava na escala pra ir pro Haiti, ele ia como aquele pessoal que passa na televisão, que o governo manda tantos alimentos, uns vão como enfermeiros... Só que aí nessa época minha nora engravidou, aí ele foi e conversou com o capitão dele e pediu que retirasse ele da missão do Haiti, mas ele foi pro Rio de Janeiro, fez escolta pro presidente, ele fez muitas outras missões. Em São Paulo, Rio, Campinas. Tem uma parte do aeroporto de Guarulhos que é o maior aeroporto que temos em São Paulo, ele tem uma parte que pega um lado que não sei se é da prefeitura ou do estado, mas porém se eles

não tomar conta [os militares] as pessoas invadem, e é uma área de risco porque é a área da pista onde os aviões fazem levantamento de vôo e o pouso, então eles tem que tá sempre monitorando aquela área ali. Então ele também foi pra lá, ficou um bom tempo lá, eles ficavam assim um mês e aí depois revezava outra turma, aí aquela turma voltava pra São Paulo e [...] Foi.. ele fez várias missões, porém o meu outro do meio já não quis servir o quartel, ele se engajou mais na parte alimentar, começou trabalhando também aos 16 anos no supermercado, aí entrou na parte dos frios, ele fazia os cortes de frios, atendimento e tal e ele se engajou mais nessa área alimentar. O meu caçula veio pra cá pra Foz com 16 anos, começou a trabalhar também, né, começou e SP, e depois ele veio pra cá porque queria também servir o quartel, aí ele veio morar com a tia dele que é inclusive minha Mãe de Santo, porque somos da religião do Candomblé, ela aqui também passou por muito preconceito, né, inclusive até hoje, nem tanto por ser negra mas também por causa da religião, enfrentou muita coisa aqui e hoje em dia tá ai, com 30 anos aqui na cidade, mas ela também tem uma longa história assim e a gente diz assim, entre choros e risos, é vitória. Aí ele veio pra cá morar com ela e ele também serviu o quartel, só que aí ele ficou um ano só no quartel, e hoje em dia ele trabalha na área da segurança e tá aqui já tem 5 ou 6 anos. E aí agora eu resolvi de um ano pra cá vir pra cá também, porque eu já não queria mais ficar em São Paulo, graças a Deus eu vejo assim hoje em dia que a meta que eu queria pra minha vida e pro meus filhos eu alcancei, tá.. Eu queria criar eles, dar educação até onde eu pude do jeito que eu fui criada e eu consegui ver que eles conseguiram entender essa parte minha, né. Tem as pessoas que eu conheço, que eles conhecem e me apresentam, graças a Deus falam muito bem dos meus filhos, que são uns meninos trabalhadores, são educados, não são doutores, não vou dizer pra você que é um doutor dali, daqui, mas também graças a Deus tem a vida deles normal, casado, com filhos, e tamo aí batalhando o dia a dia na vida passando pelo o que todos nós passamos, algumas dificuldades mas porém alcançando nossos objetivos.

Mayara: E a sua filha?

Rita de Cássia: Minha filha é casada, tem 3 filhos, tá lá em São Paulo, ela casou na igreja mesmo, no civil, né, e os meus netos.. Tem a minha neta com 13/14 anos, o meu neto com 12 anos e o caçula dela agora tem 3 anos. Ela vive a vida dela também, trabalha, ela já pegou mais a área de vendedora, principalmente agora no final de ano ela consegue fazer muito extra, porque ela sempre trabalhou com venda, e meus netos estudam, meu genro também, não tem o que falar, é um ótimo genro pra mim, é um filho também, porque ele não é pai dos meus dois netos mais velhos, só do caçula, mas ele criou meus dois netos depois que minha filha separou, e criou como filhos dele e pra mim ele é como um filho que entrou pra família

Mayara: E ela morava com você também?

Rita de Cássia: Sim, ela morava comigo, todos os meus filhos moravam comigo, só saíram de casa depois que casaram

Mayara: E como era a relação dentro de casa com os seus filhos, pra fazer as coisas em casa, com seu companheiro também, se tinha aquela coisa de 'ah, sou homem e não vou fazer determinadas coisas'

Rita de Cássia: Não, não! Eu ensinei a eles tudo, a gente dividia todo o trabalho. Porque assim, como eu falava pra eles, eu sempre acordei 4h [da manhã], e chegava em casa em torno de 16/17h, e sempre falei assim, nós somos em casa, depois que minha filha casou porque ela que era meu braço direito, quando eles eram pequenos ela me ajudava muito, ela chegava da escola e me ajudava, eu consegui graças Deus arrumar logo creche pra ele, o Lupi aos 2 anos e meio de idade já conseguiu uma vaga na creche, no ano seguinte já consegui pros dois irmãos dele, então depois que ela conheceu o meu primeiro genro, que ela casou, então só ficou eu e quatro homens dentro de casa. Aí eu falava pra eles, olha se a mãe chegar do emprego e ter a minha cama, a sua, a do seu irmão e a do seu outro irmão, são quatro camas pra mãe forrar, e quando o pai deles não tava trabalhando ele levantava e arrumava a cama dele, se você forrar sua cama, seu irmão forrar a dele e seu outro irmão a dele, cada um vai forrar uma, se a mãe sozinha for fazer a

mãe vai fazer quatro. Além de trabalhar fora, passei a morar de aluguel, depois que minha filha casou eu deixei o lugar que morava no quintal da minha mãe pra ela, porque ela não tava trabalhando, tinha engravidado, tinha saído do serviço e só meu genro trabalhando, ele trabalhava como entregador de pizza, não tinha condição de morar de aluguel. Aí nós fomos morar de aluguel, e foi nessa que comecei a distribuir as tarefas, aí era assim: Segunda, Quarta e Sexta era o dia do lixeiro, então Segunda-Feira por juntar o lixo do Sábado e Domingo, geralmente ia a família em casa, minhas ex-cunhadas, a gente né costumava fazer um almocinho e tal, então produzia mais lixo e Segunda tinha mais, o Lupi por ser o mais velho e mais forte, Segunda-Feira era dia dele levar o lixo, Quarta do Cael, e Sexta do Caio, a cama cada um furrava sua cama, tomar banho, você toma e já pega sua própria cueca no banheiro, já lava, torce ela e deixa lá, e quando eu ia lavar só colocava no tanque, ou na máquina, que eu fui ter máquina bem depois, pra só enxaguar mesmo, torcer e pôr no varal. As roupas eu passava, sempre cuidei da roupa e da comida, então as roupas eu passava, separava a de cada um, colocava na cama e eles mesmos guardavam as roupas deles, então sempre foi bem distribuído, lógico que não foi sempre essa mil maravilhas né. Tinha dia que um comprava o outro, né.. 'ah, lava minha louça hoje, eu pago um sorvete pra você, eu faço sua lição e você desce o lixo pra mim', eles tinham esses rolinhos entre eles, então às vezes quando eles aprontavam alguma coisa na escola que não precisava chamar os pais 'ah, eu vou contar pra mãe!', 'não! Não conta não!', 'ah, então você lava a louça hoje pra mim que eu não conto'. Então eles tinham essas coisinhas entre eles, mas eu sempre distribui. Hoje eles sabem lavar, passar e cozinhar, todos eles, os quatro, minha filha e os meus três meninos. Eles são pessoas independentes, totalmente, eu acho assim, fora as dificuldades que o povo põe na rua pra gente, eu acho que eles são pessoas que sabem assim, eu falo se for a hora de eu partir, eu sei que nessa área aí eles vão tá muito bem. É o que eu aprendi com os meus pais, e foi o que sempre passei pra eles, porque em casa era assim, como era mais eu e a minha mãe, nós ficávamos em casa, porque meu irmão ele podia brincar na rua, e meu pai não, meu pai tem uma criação que mulher não se sai de casa, no entanto minha mãe nem era de ir na casa de vizinha, minha mãe até hoje é assim. Minha mãe graças a Deus é viva, tem 96 anos, é a nossa bebê agora. E ela mora lá em São Paulo nessa mesma

casa onde eu morava, ela mora lá. Então você vê, até hoje ela não tem essa mania, agora devido a idade também, mas ela nunca foi muito de ir na casa dos outros, porque meu pai sempre criou a gente assim os homens não, os homens podem sair, as mulheres têm que ficar em casa. Eu brincava muito de boneca, eu tinha uma boneca que eu fiz batizado pra ela, ela dormia, ela acordava, eu trocava ela, porque ela que era a minha amiga, minha companheira. Meu irmão não, ele ia pra rua jogar bola, jogar bolinha de gude, jogar taco, empinar pipa, porque ele era moleque, né, então... E aí eu aprendi muitas coisas dentro de casa e isso passei pros meus filhos, apesar de que meus irmãos também, eles sabem fazer, mas assim já casaram com as mulheres deles e as mulheres deles por terem esse ritmo elas em casa que cozinhavam e eles iam trabalhar fora.

E aí já meus filhos não, se você falar pra eles [...] O Cael mesmo, ele adora cozinhar. Eu ensinei, pra você ter uma ideia, o pai deles a fazer sopa. O pai deles também cozinha, mas o pai deles fazia comida mas não sabia fazer a sopa, eu ensinei ele a fazer a sopa ao meu modo, com os meus temperos, aprendeu que faz uma sopa melhor do que a minha hoje, se eu soubesse não tinha ensinado! E o macarrão, a minha madrinha é italiana, então você sabe que o macarrão italiano é o prato predileto, então eu lembro que quando a gente cozinhava na casa da minha madrinha pra comer uma macarronada de domingo, eu lembro que era aquele macarrão suculento, chegava a cair na roupa e manchar, e eu sempre tentava fazer esse macarrão e nunca conseguia, pois o Cael conforme foi crescendo, e eu fui ensinando eles como cozinhar um arroz, um feijão, tempo da panela de pressão, o Cael aprendeu a fazer o macarrão, pois ele faz o macarrão igual fazia minha madrinha! Coisa que eu não consegui aprender eles conseguiram, no entanto é o que ele mais gosta de fazer, de cozinhar. E cozinha bem, viu.

Mayara: E a relação que você tinha com seu ex-companheiro? Como que era?

Rita de Cássia: Olha, eu sempre fui uma pessoa calma, então as nossas dificuldades e nossas diferenças eu sempre procurava muito conversar. Sim, tinha dia que eu tava meio estressada, meio nervosa, eu falava um pouco mais alto, mas

eu nunca consegui discutir na frente dos meus filhos, e sempre ensinei à eles que em mulher não se bate, coisa também que eles nunca viram o pai deles fazer comigo, isso eu passei pra eles, isso aí a gente não se faz, tá. A partir do momento que escolheu uma pessoa, escolheu uma companheira, respeita. Se não dá certo, tá vendo que não dá, senta e conversa, ou separa, cada um vai pegar sua vida, Não tenta levar aquela relação entre briga, xingo, discussões, essas coisas porque os filhos se espelham nos pais, então aquilo que seu filho vê dentro da sua casa é o que ele vai ser amanhã lá fora. Então como eles nunca viram isso, lógico cada um tem seu temperamento, cada um tem o seu jeito, tem uns que é nervoso, isso e aquilo mais e eles sabem controlar porque eu até hoje qualquer coisa que eu vejo eu falo pra eles: você já viu isso dentro de casa? Você viu isso acontecer entre eu e seu pai? No entanto, nós somos separados, mas a gente mantém contato, conversa, ele foi pra São Paulo passar o Natal com a gente quando eu ainda estava lá, com os filhos que ele queria ir visitar, e a minha família também adora ele porque foram 25 anos, né, uma vida. Então a gente ainda mantém contato, né, os filhos vai visitar eles, ele vem quando pode, ele adoeceu, teve um AVC, porém infelizmente o AVC, isquêmico que fala, ele perdeu a fala, o pai deles não fala mais.

Mayara: Isso foi quando vocês estavam juntos ainda?"

Rita de Cássia: É, a gente já tava pra separar, enfim, a gente já tava numa fase já entrando no início da separação, ele ainda ficou mais dois anos comigo por causa desse AVC. Eu não achei certo naquela hora deixar ele e as irmãs dele que sempre foram batalhadeiras, a vida delas com os filhos, e os pais morando em Londrina, então tava longe dos pais, então elas não tinham tempo pra cuidar dele, e eu falei 'não, pelo menos tá aqui, tem eu e tem os filhos né, eu já não mantinha mais relações com ele, mas ele ficava em casa, chegava tinha comida pronta, eu aprontava comida, quando eu chegava do serviço, os meninos acompanhavam ele ao médico porque ele precisava fazer controle da pressão, então ele ainda ficou mais dois anos em casa com a gente, depois ele foi morar com a irmã dele, aí os pais dele adoeceram, a mãe dele já era doente, o pai dele adoeceu e ele precisou ir pra lá pra cuidar dos pais dele, em Londrina, e ficou lá até agora, e os pais deles

faleceram ano passado, primeiro a mãe e depois de 5 meses o pai, um já tava esperando o outro...

Então eu sempre tive esse relacionamento assim, como mãe mesmo, como companheira, desde a minha infância eu nunca gostei de briga. Eu falava pras meninas, quando a gente ia pros bailes e às vezes tinha uma briga, a gente via aquele bolinho e elas queriam ver o que que era eu já falava gente não é nada da nossa conta, não interessa, vamo embora. A briga é pra lá eu vou por aqui. E aquele negócio né, sempre sobra pra quem, às vezes pro curioso né. Então eu sempre fui assim uma pessoa muito de conversar, sempre gostei de conversar, de dar conselho, né, se eu não puder te ajudar te atrapalhar também não vou. Cresci e fiz a minha vida e a dos meus filhos assim, foi o que eu aprendi e passei pra eles, tive várias dificuldades mas graças a Deus consegui superar, passar por elas, e hoje em dia me sinto assim com um sonho realizado.

Mayara: E depois que você saiu da TAM você já veio pra cá?

Rita de Cássia: Não, eu trabalhei em mais três empregos, trabalhei numa lavanderia, porque quando eu saí da TAM eu tive o direito do Seguro Desemprego, peguei quatro parcelas na época, e eu já consegui um emprego numa lavanderia.

Mayara: E aconteceu alguma coisa pra você ter saído da TAM?

Rita de Cássia: Eu saí de lá foi praticamente assim eu posso dizer que eu pedi pra sair, porque eu já tava já 10 anos lá dentro, e você sabe, São Paulo é uma cidade que não para, ela é 24 horas, e principalmente essas áreas, parte de hospital, polícia, aeroporto, são lugares que você não para. Chega um feriado todo mundo quer o que? Viajar! A cidade fica vazia porém o aeroporto fica um inferno, era a época que a gente mais trabalhava, então eu trabalhei nos três horários, de manhã, a tarde, a noite, eu peguei os três horários e principalmente quando eu me tornei encarregada eu cuidava dos três turnos, teve dias de eu ter que ficar praticamente dois dias em prol do serviço até eu poder ir pra casa, eu tenho.. e isso é de mim, a minha própria supervisora falava 'Rita você não precisa ficar, passa o serviço' mas

eu tenho esse negócio comigo, eu não sei pegar as coisas e deixar, pra mim eu to deixando a metade, se acontece alguma coisa eu me cinto culpada. Se eu peguei essa tarefa tenho que pegar ela no começo, meio e entregar pronta, então as vezes pra eu fazer isso tinha que ir acompanhando os horários das meninas, principalmente quando eles pediam lavação, que era uma coisa uma limpeza mais profunda, então ocupava muito mais tempo, e nessa eu me infiltrava, então eu fui me desgastando com isso. Dava Feliz Natal e Ano Novo pro meu pessoal por telefone, eu já me conformava porque não era só eu, eu olhava pra trás tinha os próprios funcionários da TAM, também estavam ali monitorando os aviões, tinham os seguranças que trabalhavam em volta do prédio, tinha a gente que era turma da limpeza, tinha o pessoal da manutenção, mas depois você vai vendo e com tudo isso eu falo, eu não consegui ver meus filhos darem os primeiros passos, quando eu chegava em casa minha mãe que sempre me acompanhou, por mais que eu morasse com o pai dos meus filhos eu morava no quintal da minha mãe.

Mayara: Então sua mãe cuidava das crianças?

Rita de Cássia: Era minha filha que eu te falei, que tinha uns 6/7 anos, me ajudou muito, e assim por ela ser uma criança a responsável era minha mãe, e eu sempre falava pra ela 'Shirley, cuida do seu irmão mas a sua vó tá aí, qualquer coisa chama ela'. Aí minha mãe ia, verificava se eles tinham almoçado e tudo, e aí foi logo quando eu consegui a vaga na creche pra eles, né. Aí ela só pegava de tarde, ou a minha mãe ou a minha irmã, aí eles ficavam esse tempinho com ela e com a minha mãe até eu chegar do emprego, ou eu ou o pai deles quando ele tava trabalhando, então minha mãe e minha filha que me ajudaram muito na criação dos irmãos

Mayara: E seu companheiro não chegou a ficar desempregado então?

Rita de Cássia: Ficou, ficou muito tempo desempregado. Ele ajudava a cuidar das crianças mas o problema dele era que ele gostava muito de bar, então a pessoa que fica a maior parte do tempo dentro do bar... Ele adquiriu o vício da bebida, que infelizmente foi aí que ele veio ter um AVC, então ele ajudava sim, mas eu tinha que

chegar do serviço, tinha que ir lá procurar saber dele, cadê as crianças, porque como eu morava na frente do colégio então tinha três quadras que eles deixavam abertas pro menino jogar, e uma outra mais abaixo próximo ao terreno da prefeitura que era onde mais a molecada ficava brincando, então às vezes eu chegava e não encontrava eles em casa, eu saía e ia procurando, sempre encontrava eles nas quadras jogando bola né, três moleque. E ele [pai] tava geralmente no bar, e eu falava 'tá quase escurecendo, esses meninos já tem que tá em casa, tá na hora de tomar um banho, ver se tem uma lição de casa', então eu que sempre tinha que além de chegar do serviço, correr atrás.. Isso foi também uma das coisas que desgastou, porque como falei pra você, eu nunca fui de explodir, de brigar, de xingar, então eu ia levando na conversa, na conversa, mas quando chega uma hora que você vê que o saco encheu, não dá nem mais pra amarrar, aí foi isso que aconteceu, foi um dos motivos da nossa separação. Foi isso. Ele infelizmente se entregou muito a bebida, ele deixou de fazer a parte, ele é um bom pai, um ótimo pai, os filhos gosta dele, mas essa parte de responsabilidade como pai ele deixou muito a ver. Aí a gente acaba ficando com toda a responsabilidade, né, de educar os filhos, de correr atrás, você sabe como que é, principalmente na cidade de São Paulo, em matéria de companhia, drogas..., aí eu sempre me preocupei muito com isso, sempre procurava saber quais eram as amizades deles, aonde que eles estavam, o que eles estavam fazendo, eu chegava cansada mas eu não ficava tranquila enquanto eu não sabia onde eles estavam, de repente tá se envolvendo em alguma coisa.. E é o que falam, mulher traída e mãe são as últimas a saber das coisas, então eu antes de ficar sabendo eu ia atrás pra já ver, e isso daí foi indo... Porque eu sabia que ele tava ali, tava sem trabalhar, tudo bem que ele ficasse no bar, mas dava o horário das crianças saírem da escola.. tinha que ir lá, verificar, eu chegava e os meninos não estavam em casa, eu ia atrás ver o que estavam fazendo. Então essa participação ele não teve. Desgastou bastante.

Mayara: E depois que você saiu da TAM você falou que trabalhou em três lugares...

Rita de Cássia: É, trabalhei nessa lavanderia, que eu trabalhei como ajudante geral, lavava, passava, tinha o dia de cada uma das funcionárias, e depois saí de lá porque

eu fui trabalhar na Mackenzie, que já é bem a minha área mesmo que é limpeza né. Trabalhei na lavanderia mas porém pra mim era muito puxado, porque eu adquiri infelizmente por causa dos serviços repetitivos, e também vai chegando um certo tempo a idade, eu adquiri tendinite. Então, tendinite, pra quem tem tendinite usar ferro é a pior coisa e eu tinha que passar roupa, nos meus dias de passar eu passava o dia inteiro passando roupa, e isso daí me afetou muito, aí comecei a procurar de novo outro, e consegui trabalhar na Mackenzie, comecei a trabalhar lá a noite, fiquei 1 ano e 3 meses, aí a encarregada que trabalhava lá saiu de lá e foi trabalhar em outra empresa chamada Regional, e ela conseguiu [empresa] um contrato pra prestar serviço pro SENAI, em São Paulo, então todos os SENAI's era essa empresa que prestava serviço. Era uma empresa terceirizada. Aí ela conseguiu, e lá perto de casa em Santo Amaro tem um SENAI, e ela foi e me fez um convite, aí eu fui. Perto de casa, mesmo salário, benefícios, porém com uma vantagem, eu ia trabalhar a tarde e era 5 minutos da minha casa.

Mayara: Imagina, em São Paulo você morar perto do trabalho é uma coisa assim...

Rita de Cássia: É a mesma coisa que você ganhar na loto, né! Ainda mais podendo pegar o metrô fora do horário de pico, eu trabalhava das 13h às 21h20, eu chegava em casa era 21h40/21h45, dormia a noite toda, acordava de manhã, fazia comida pra minha mãe, porque depois que eu separei voltei pra casa da minha mãe, e quando eu fui pro SENAI eu ajudava ela, fazia uma comidinha pra ela, almoçava e ia trabalhar, saía de casa 12h20 por aí, quando era 13h eu tava dentro do emprego.

Mayara: E pra vir pra cá [Foz do Iguaçu], como é que foi?

Rita de Cássia: Então, aí tipo assim como eu falei pra você, cansei daquela correria de São Paulo, né, a minha sobrinha infelizmente o filho dela, o mais velho, ele veio a falecer e ela estava morando com ele e a outra filha dela, e aí ele se envolveu com droga, adquiriu soropositivo [HIV] foi fazer tratamento, isso e aquilo, e era um moleque assim muito problemático, com tudo isso ele acabou falecendo. A causa até então diz que ele se matou enforcado, aí minha sobrinha entrou em depressão,

então aí pra ela não ficar nessa casa de aluguel morando sozinha, ela já tinha se separado há muitos anos, e ela não tinha um companheiro com ela, era só ele e os filhos, aí o que a gente fez, eu morava nesse quarto na casa da minha mãe e aí preferi vir pra cá ficar com o Caio, porque o Caio já tinha saído da casa da Mãe [Mãe Marina é a tia de Caio e Mãe de Santo de Rita] foi morar sozinho também e aí eu falei ó, to indo pra Foz, vou ficar uns tempos com o Caio e vou ver como é que tá, porque agora ele tá morando sozinho. Então vou lá ficar um tempo com ele, e aí Lucimara [sobrinha] você vem e fica aqui com a vó porque minha mãe já é uma senhora de idade, precisa de uma atenção, ela faz as coisas, minha mãe é consciente, porém ela não tem mais aquela agilidade pra ir pro fogão, isso e aquilo. Ela faz um arrozinho se deixar, lava uma louçinha né, mas ela precisa de uma pessoa, e falei pra ela ir pra lá e ficar com a minha mãe. Aí assim a gente combinou, ela que fica lá e cuida da minha mãe.

Mayara: E ela tá melhor?

Rita de Cássia: É, agora ela tem a ocupação da minha mãe, e em volta como eu falei pra você que o terreno é grande, tem uma sobrinha que mora em cima que é casada, tem a outra que o filho dela mora no outro lado, tem o meu outro filho que mora do outro lado, tem essa minha irmã que é mais velha a casa dela é geminada com a da minha mãe, então é assim, tem bastante gente sempre em volta, mas dentro mesmo da casa da minha mãe é esta minha sobrinha e minha mãe, aí por isso que eu resolvi vir pra cá, e outra, eu uni o útil ao agradável, porque eu sempre falei que queria um dia sair de São Paulo, não aguento mais, é trânsito, é cidade agitada, eu já trabalhei de manhã, de tarde, de noite, então assim, São Paulo eu posso dizer que vasculhei e revirei do avesso e eu já sei que em matéria de você, hoje em dia, tá mais difícil ainda porque tá assim.. a violência em São Paulo tá assim, a céu aberto, ninguém respeita ninguém, não é que nem era na minha época com meus filhos, naquela época quer queira quer não tinha o respeito. Hoje em dia ninguém mais respeita ninguém, então isso daí foi cansando, sabe, ah não, não quero mais... Você acorda com buzinas tocando, é engarrafamento, é quando chove é alagamento, é isso, é aquilo, é atropelamento, é não sei o que, sabe, é só isso que

tem! Eu queria um lugar mais calmo, tranquilo, o Caio já tava aqui, vou pra Foz! E aí resolvi vir pra cá. Minha mãe continua morando lá no Campo Limpo, e a minha família toda em si, mora ali naquele bairro, aí assim longe só tá eu, o Caio e agora o meu filho mais velho veio pra cá com a família. O Cael tá lá, mas ele vem pra cá porque ele separou da minha ex-nora, e ele fica lá por causa do filho e do serviço que ele tá, e quando ele consegue uma folga ou uns dias e aí ele vem e fica aqui, mas ele também já tá na intenção de querer vir pra cá. Hoje ele trabalha naquele China In Box, faz entrega, ele faz lanche, quando ele não tem entrega ajuda a montar os lanches, nessa área aí.

Mayara: E como você recebeu Foz do Iguaçu? Você acha que foi bom?

Rita de Cássia: Eu já conhecia Foz, quando eu vinha pra cá só nas festas no Ilê [Terreiro de Mãe Marina onde acontecem os encontros da religião do Candomblé] e como a Mãe tá aqui já há quase 30 anos, então eu vinha pra cá mas assim, só vinha e ficava mais no Terreiro, não conhecia o centro de Foz porque eu vinha mais só em prol da festa, ficava uns dois, três dias e já voltava pra São Paulo.

Mayara: E lá em SP você frequentava algum Terreiro?

Rita de Cássia: Não, eu ia assim visitar quando tinha algumas festas, tipo eu ia na Casa de quem hoje em dia é meu Vô de Santo, o Pai Carlinhos de Iansã, eu ia na Casa do que agora é meu Tio de Santo, que é o Alexandre, quando ele tocava também, ia na Casa do Geovane.. Então eu ia assim quando dava tempo as vezes eu ia só na festa, via, participava, terminava eu ia embora pra casa e no outro dia ia trabalhar. Agora Casa mesmo pra frequentar só aqui mesmo, na Mãe.

Mayara: Mas você sempre foi da religião?

Rita de Cássia: Sim, eu entrei pra religião quando eu fiz Santo, eu tava com 18 anos, e foi com a Mãe Marina lá em São Paulo. O primeiro Terreiro da Mãe foi em São Paulo, eu sou a terceira Filha de Santo dela, uma das mais velhas. Antes de

mim só tem a Yalosè, que é minha comadre, madrinha do Lupi, ela é de Yemanjá, e aí vem depois a minha irmã [de Santo] que mora em Ferraz de Vasconcelos, a Odè Keji, que é a segunda, e eu a terceira. E depois vem muitos outros, a Mãe saiu de lá mas deixou uma galerinha boa em São Paulo. A gente tem um vínculo com espiritual e carnal, que é de sangue.

Mayara: E.. eu queria fazer uma pergunta, qual você acha que é a coisa mais difícil que você enfrenta, ou já enfrentou, por você ser uma mulher negra?"

Rita de Cássia: Assim, o que eu acho mais complicado... Você fala em matéria do que? em qualquer coisa?

Mayara: Qualquer, alguma coisa que você vê e pense que ser quem você é que causa isso...

Rita de Cássia: Ah, eu acredito assim que hoje em dia, como eu falei pra você, é entrar em certos lugares. Tipo, quando você entra numa igreja católica, tudo bem que é uma igreja aberta pra todos, mas tipo se você entrar num lugar e você vê que só tem pessoas brancas, você como negra você vai ver que as pessoas voltam esse olhar pra você, então isso daí parece que deixa a gente meio.....Eu acho que isso ainda é, pelo menos pra mim, uma dificuldade. Não vou questionar, nem falar, nem nada, mas que eu vou me sentir mal, eu me sinto. Eu acho isso um pouco constrangedor.

Mayara: E você tem algum sonho ou perspectiva pra sua vida daqui pra frente?

Rita de Cássia: Olha, agora o que eu falo, daqui pra frente eu só quero viver tudo aquilo que eu conquistei, quero estar participando, vendo os meus netos crescerem, poder ajudar eles no que eles precisarem, pra mim mesmo agora eu quero só curtir a vida, porque eu passei o tempo inteiro da minha vida trabalhando, procurando me dedicar aos meus filhos, casa, marido, e como eu falei, não me arrependo é um sonho pra mim realizado, então eu, Rita, eu não vivi eu, então agora eu to assim, por

isso que eu falo, eu até falo pras meninas, eu sou uma pessoa agora que você fala 'vamos em tal lugar?' 'to indo!' não tenho compromisso nenhum com ninguém, to livre, leve e solta, vamos embora! Agora eu tô curtindo eu Rita. Meu sonho tá realizado, agora eu quero é isso. Lógico, problemas sempre vão ter, dificuldades estão aí e vamos passar, mas eu agora meu momento é esse daí, cuidar de mim e viver pra mim.